



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CURSO LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS –**  
**SOCIOLOGIA**

**DANIELA SILVA CARIOCA**

**VIDA RELIGIOSA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA:** História e engajamento missionário  
na congregação feminina de Notre Dame Namur

**BACABAL – MA**

**2018**

**DANIELA SILVA CARIOCA**

**VIDA RELIGIOSA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: História e engajamento missionário  
na congregação feminina de Notre Dame Namur**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao  
Curso de licenciatura Interdisciplinar em Ciências  
Humanas – Sociologia da Universidade Federal do  
Maranhão, Campus Bacabal, para obtenção do título  
de licenciado em Ciências Humanas – Sociologia.

**Orientador:** Professor Dr. Wheriston Silva Neris

BACABAL – MA

2018

DANIELA SILVA CARIOCA

**VIDA RELIGIOSA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA:** História e engajamento missionário  
na congregação feminina de Notre Dame Namur

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. Doutor** Wheriston Silva Neris  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Doutora** Maria José dos Santos  
Universidade Federal do Maranhão  
1º Examinador

---

**Prof. Mestre** Marcos Ferreira  
Universidade Federal do Maranhão  
2º Examinador

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho monográfico é a fase final do curso de graduação em ciências humanas interdisciplinar, e sendo possível a conclusão do mesmo pela minha força de vontade e por isso agradeço primeiramente à Deus, que foi meu suporte espiritual nessa caminhada desafiante que se deu devido minha permanência no curso. À minha família, que me deu motivação para continuar e sempre estiveram ao meu lado. Não foi fácil permanecer no curso pelas dificuldades, principalmente o acesso pela distância entre o campus universitário e minha cidade, uma viagem cansativa todos os dias. Mas, enfim, são os condicionantes que fizeram parte da caminhada. Agradeço aos colegas, muitos dos quais tornaram-se bem mais que colegas no intervalo dos quatros anos. Aos professores pela ajuda direta e indireta e ao Prof. Dr. Wheriston Silva Neris que me cedeu sua pesquisa na qual estive vinculada pelo PIBIC.

Destarte, o curso me proporcionou conhecimento objetivo e principalmente subjetivo que deve ser expresso para além dos muros da academia, para as práticas sociais de cada um que está diretamente vinculada a ação social. Pensar e agir na sociedade como agentes de transformação, se colocar no lugar de alteridade, principalmente quando mencionamos a Educação como fator de transformação social. Para mim, isso significa pensar enquanto sujeitos que atuarão no setor educacional, como agentes de transformação com responsabilidade social, com o papel de mudar a realidade da educação em exercício. São questões que expõem uma formação e uma prática docente crítico-reflexiva, que a educação de qualidade é capaz de transformar vidas.

São elementos que devem estar contidos em nossas concepções sobre a educação e transformação, levando em consideração enquanto formandos e formados que a educação faz parte de um processo de cada etapa da vida e condiciona e proporciona transformações nos

indivíduos e Deus é o único alicerce para depositarmos confiança e fé para vencer os desafios que vida nos impõe. Em vista disso, exponho que a formação é fundamental e principalmente quando se contém a unidade teórico-prática, prática e reflexão em exercício.

*A eles e elas, sem-terra, a seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a democratização desse país devemos mais do que às vezes pensar. E que bom para a ampliação e a consolidação de nossa democracia, sobretudo para sua autenticidade, se outras marchas se seguissem à sua. A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito contra à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem-escolas, dos sem-hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível.*

*Paulo Freire (Pedagogia da Indagação, 2000)*

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar o engajamento missionário religioso feminino no Brasil, enfocando o processo de instalação e a recomposição missionária da congregação de Notre Dame Namur, cujo ingresso no Brasil ocorreu na década de 1970. Recorrendo a expedientes metodológicos diversos, tais como: análise da bibliografia sobre gênero e religião; exploração de publicações variadas na internet e relatos memorialísticos e biográficos, entre outros; procuramos combinar a história da instituição à história de sujeitos concretos que incorporaram suas formas de atuação pública. Desse ângulo, adquiriu-se particular importância a exploração do itinerário da missionária Dorothy Stang, tomada como representativa da confrontação da empresa missionária sobre sociedades distintas. A hipótese explorada é de que esse investimento missionário produz efeitos tanto sobre os espaços de inscrição, como também sobre os próprios missionários, exigindo certo ajustamento de suas políticas e métodos ao meio cultural de acolhida e contribuindo para recompor, em estado prático, o carisma da empresa missionária.

**Palavras-chave:** carisma, instituição, empresa missionária.

## **ABSTRACT**

The objective of the present work is to analyze the female religious missionary engagement in Brazil, focusing on the process of installation and the missionary recomposition of the congregation of Notre Dame Namur, whose entry into Brazil took place in the 1970s. Resorting to diverse methodological processes such as: analysis of the literature on gender and religion; exploitation of varied publications on the Internet and memorial and biographical reports, among others; we seek to combine the history of the institution with the history of concrete subjects that incorporated their forms of public performance. From this angle, it was particularly important to explore the itinerary of the missionary Dorothy Stang, taken as representative of the confrontation of missionary enterprise in different societies. The hypothesis explored is that this missionary investment has effects both on the places of inscription and on the missionaries themselves, requiring a certain adjustment of their policies and methods to the cultural environment of acceptance and helping to recompose, in a practical state, the charism of the missionary enterprise.

**Keywords:** charism, institution, missionary enterprise.



## **LISTA DE SIGLAS**

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos no Brasil

CPT – Comissão Pastoral da Terra

SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento do Amazonas

CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil

CVII – Conselho Vaticano II

CLAR – Confederação Latino-Americana dos Religiosos

ONU – Organização das Nações Unidas

CEIC – Conselho Ecumênico da Igreja Católica

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PSD – Projeto Desenvolvimento Sustentável

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

CEB – Comunidades Eclesiais de Base

CELAM – Conferência Geral do Episcopado Latino-Americana

CAL – Comissão Pontifícia para a América Latina

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1. ENTRANDO NO MUNDO DA IGREJA: Carisma, vida religiosa e formas de participação política</b> .....	11
1.1 Congregações, carismas e recomposições missionárias .....	11
1.2 Perspectivas de investigação sobre a vida religiosa no Brasil.....	15
1.3 Mulheres e participação política: notas de pesquisas recentes .....	21
<b>2. POR UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA DA VIDA RELIGIOSA FEMININA NO BRASIL</b> .....	26
2.1 Aspectos históricos da vida religiosa feminina no Brasil .....	26
<b>3. A CONGREGAÇÃO NOSSA SENHORA DE NAMUR E A MISSIONÁRIA DOROTHY STANG</b> .....	38
3.1 Do carisma da fundadora ao carisma da congregação.....	38
3.2 Dorothy Stang: vida religiosa dedicação e espiritualidade .....	44
3.3 Atuação missionária como porta voz da congregação no Brasil.....	47
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	68
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto monográfico tem como base fundamental analisar as modalidades de atuação missionária e o carisma da Congregação Notre Dame de Namur. Com foco na participação política de religiosas em causas sociais e, sobretudo notificar as formas de adesão no engajamento altruísta. Através do estudo da biografia tomamos como representativo o caso de Dorothy Stang, uma das missionárias mais conhecidas no Brasil, como porta voz da congregação. De antemão, recorreremos às pesquisas que no Brasil tem destacado a questão das intersecções entre os estudos que abordam as categorias religião e gênero e, particularmente, aqueles que têm explorado essas dinâmicas do universo católico (CUBAS 2014; ANJOS 2008; NUNES, 2005). O ponto de partida enquanto problema de pesquisa esteve vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “*Famílias Religiosas e Forma de Ação Pública*”, coordenado pelo Prof. Dr. Wheriston Silva Neris que tinha como objetivo explorar as conexões entre as formas de identidade ou adesão religiosa e as modalidades concretas de ação pública no Maranhão Contemporâneo.

Metodologicamente o trabalho se construiu pela exploração bibliográfica, observação a documentários, trabalhos acadêmicos a respeito do universo da vida religiosa feminina, informes e dados referentes à congregação na internet e, com maior ênfase as fontes de caráter biográfico a respeito da missionária Dorothy Stang. Da mesma forma, em diálogo com a restrita bibliografia dedicada a explorar as intersecções dentre Gênero e religião, pudemos aprofundar dimensões pertinentes para refletir sobre o papel histórico feminino no dentro do universo católico. Como visto nas diversas pesquisas de Maria José Rosado Nunes (2001; 2004), de onde se retirou parte da inspiração deste trabalho, ao abordar o tema das imbricações entre religião e gênero, percebe-se que a despeito da forte e necessária presença feminina, o espaço religioso ainda continua marcado pela dominação masculina.

Sem dúvida, no Brasil, o movimento feminista contribuiu para uma considerável ampliação da área política e do espaço de atuação das mulheres, inserindo a problemática da desigualdade de gênero na ordem do dia. Porém, mesmo em instância de dominação tradicional masculina, como o religioso, oscilando entre o papel de subordinação e a necessidade de defender seus direitos e autonomia as mulheres passaram a reivindicar reconhecimento de sua capacidade moral de tomar decisões, e o protagonismo no conjunto mais amplo das atividades religiosas (NUNES, 2012). Inspiradas pelo movimento ou detendo afinidades não explícitas, fato é que as mulheres também começaram a demandar no universo religioso que fossem mais atuantes em questões que afetavam suas vidas e seus corpos, que suas experiências de vida fossem reconhecidas como valiosas e apropriadas para reflexão religiosa, em todas as instâncias e em especial a esfera moral, sexual e reprodutiva (NUNES, 2001).

É válido destacar que o interesse por essa pesquisa teve como ponto de partida o engajamento no projeto de pesquisa supramencionado, quando me dediquei à análise da biografia da missionária Dorothy Stang. Ao passo em que tomava conhecimento de reportagens e até mesmo do debate público em torno da memória da missionária, ampliei meu entusiasmo pela discussão dessa história de vida. Conectado a essa experiência de pesquisa, ainda, despertei a curiosidade por entender como se davam as formas de engajamento missionário de religiosas em questões sociais, fora das características habituais com as quais interpretava o jeito de ser freira. Soma-se a isso a constatação de que se tratava de um tema pouco explorado no universo acadêmico, haja vistas a raridade de pesquisas que colocam a dupla problemática do engajamento feminino e da participação política no campo da Ciência Política e dos estudos de gênero (NUNES, 2017). Como esclarece a mesma autora, enquanto a estrutura dominante da sociologia da religião privilegia as “grandes questões”, deixando de lado as pesquisas sobre mulheres e gênero, as feministas também resistem criticamente às

religiões por concebê-la como espaços por excelência de opressão das mulheres. É provavelmente devido a esse hiato, que os poucos balanços disponíveis destaquem com tanta recorrência a carência de estudos situados entre essas fronteiras (NUNES, 2017).

Diante do exposto, o trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. No primeiro, busco apresentar as diferentes dimensões da problemática de pesquisa, com particular atenção a especificidade institucional dessas congregações e aos estudos e perspectivas que colocam a participação política de mulheres como objeto de estudos. Paralelamente, trata-se ainda de dar ao leitor maior conhecimento a respeito do que significa efetivamente ser freira e do papel que a mesma têm dentro do universo católico mais amplamente considerado.

O segundo capítulo tem a finalidade de explorar uma perspectiva mais historiográfica da vida religiosa feminina no Brasil. A meta aqui é demonstrar como as modificações nas formas legítimas e prática de exercício do ofício religioso vai se transformando com o passar do tempo, em que pese essas modificações não serem tão abruptas. Por fim, exploramos o carisma da Congregação de Notre Dame Namur e tomamos o caso de Dorothy Stang como representativo da experiência prática de mulheres que viveram a vida religiosa como intrinsecamente interligada à atuação social e política e um pouco além das formas de exercício tradicional.

## **1. ENTRANDO NO MUNDO DA IGREJA:** Carisma, vida religiosa e formas de participação política.

O objetivo deste capítulo é explorar algumas dimensões da problemática de pesquisa que esteve no ponto de partida deste trabalho. A começar pela necessidade mesma de esclarecer conceitualmente as especificidades do clero regular e sua posição dentro do universo católico. Paralelamente, trata-se ainda de dar a conhecer ao leitor as perspectivas predominantes nos estudos sobre a vida religiosa feminina no Brasil com a dupla finalidade de, por um lado, oferecer elemento para compreender a carreira religiosa e as formas tradicionais de exercício, ao passo em que exploramos as pesquisas e estudos que estiveram na base do presente texto.

### **1.1 Congregações, carismas e recomposições missionárias.**

Com efeito, a questão das formas de atuação missionária se conecta à problemática mais geral das tensões e transações realizadas entre a Igreja Católica e suas ordens religiosas. A começar pelo fato de que, embora pertençam à Igreja e se submetam a seu modo institucional de administração, as ordens religiosas apresentam dinâmicas análogas às de uma seita (SEGUY, 1984). Nesse sentido, o que entra em pauta é o fato dessas organizações localizarem-se preferencialmente nos interstícios, nas margens ou falhas do sistema dominante de referências dentro da Igreja - zona na quais podem praticar uma definição da vida cristã que não se encontra totalmente em conformidade com as representações hierárquicas mais ortodoxas (SEGUY, 1984). Porém, diferentemente das seitas, além de a autoridade ser exercida internamente de maneira legal-racional e tradicional, e não exclusivamente carismática, as ordens também foram fundadas como meios de reformas das

práticas de uma instituição eclesial, ou seja, “[...] as ordens religiosas limitam seu carisma reformador às normas cuja transgressão provocaria sua saída da Igreja [...]” (NERIS, 2014). A definição dada por Michael Hill (Apud NERIS, 2014, p. 297) para as ordens também auxilia na compreensão desse componente institucional:

Uma organização de padres e/ou de leigos, homens ou mulheres, que aderem aos meios e objetivos dessa organização e que vivem à distância, em comunidade, em graus diversos segundo as ordens; eles se reconhecem ligados às exigências morais mais rigorosas que aquelas que são impostas à Igreja em geral; essa organização é reconhecida pela Igreja, possui um poder centralizado e hierárquico, ou é governada ao nível local, mas ligada a uma regra e a uma observância uniforme.

Essa conceitualização permite, por outro lado, ressaltar alguns aspectos importantes quanto ao que se discute nesta monografia. Primeiramente, apesar de as ordens e congregações religiosas constituírem instituições bastante reguladas/codificadas internamente e dotadas de uma cultura institucional específica, suas propriedades as levam a exercer um papel crítico na Igreja, seja como instrumento de protesto, seja como promotoras de reformas de práticas institucionais (NERIS, 2014). A consequência mais direta dessa situação de ambivalência estrutural, é que as ordens religiosas podem engendrar tensões e conflitos, mesmo quando os seus projetos missionários se apresentam como uma forma de alcançar os objetivos últimos da instituição eclesiástica e de sua família religiosa.

A reflexão sobre essa posição institucional, que constitui um verdadeiro enclave dentro da Igreja Católica, se torna ainda mais interessante, por outro lado, quando pensada nos quadros do despertar missionário dentro do catolicismo que, desde o século XIX, promoveu o engajamento de diversas ordens e institutos numa tentativa de reconquista do mundo moderno pelas suas margens e fronteiras (PRUDHOMME, 2007). Sobretudo pelo fato de que esse engajamento missionário constituiu, no final das contas, um domínio fundamental para a emergência de uma consciência internacional entre os cristãos, notadamente os católicos,

contribuindo decisivamente para despertá-lo de interesse pelo longínquo, doravante, tornado próximo, e com isso, para a internacionalização interna da Igreja.

Em uma perspectiva mais geral, como temos explorado no bojo do projeto de pesquisa mais amplo em que se inscreve este trabalho, esse movimento promoveu um complexo jogo de redefinição das relações entre centro e periferia do espaço católico internacional que solapou o estado de isolamento de diversas das circunscrições e movimentos religiosos (NERIS, 2014; NERIS; SEIDL, 2015c). Exemplo disso, como demonstrado por Mainwaring (2004: 31), as inovações ocorridas na Igreja brasileira “entre o final da década de 1950 e o término da década de 1970 teriam sido impensáveis fora do contexto dos papados mais progressistas na história recente da Igreja”. E está claro que a circulação de recursos para a Igreja latino-americana e brasileira foi beneficiada pela criação de organizações do episcopado e de atuação pastoral que tiraram a Igreja brasileira do estado de marginalidade em que se encontrava “para a condição de um global player, na complexa rede pastoral, espiritual, institucional e doutrinal do catolicismo contemporâneo” (BEOZZO, 2001, p. 29).

Paralelamente a isso, dá-se o processo de construção institucional e do surgimento de uma Igreja efetivamente nacional (NERIS, 2014). Nessa dinâmica destaca-se, de início, a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1952. Três anos depois, essa experiência de unificação se estendeu ao continente latino-americano com a criação da CELAM – Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Além da CELAM, a Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR) e a Comissão Pontifícia para a América Latina (CAL), fundadas no fim dos anos cinquenta por Roma, também ofereceram respostas a problemas organizacionais da Igreja, sobretudo a escassez do clero, e a questões políticas e socioeconômicas do Cone Sul (MENDEZ, 2008). Essas instituições favoreceram a coordenação de várias organizações de caráter latino-americano ou interamericano, estimulando ações comuns, intercâmbios de ideias e a criação de redes religiosas



transnacionais (CHAOUCH, 2007). Também auxiliaram na mediação de ajuda de episcopados da Europa e da América do Norte e de organizações de cooperação internacional católicas. A maior aproximação do episcopado no nível internacional fomentou as condições de cooperação missionária e a atração de religiosos estrangeiros passou a figurar entre as alternativas para enfrentar os problemas da gestão diocesana em territórios missionários.

Para o que nos interessa destacar aqui, importa ressaltar o quanto esse processo de integração em uma sociedade diferente, com objetivos de evangelização, produz efeitos imprevistos. A começar pelo fato de que a missão sempre é portadora de uma dimensão eminentemente política, no sentido de que causa impactos na vida política da cidade. Por outro lado, na medida em que vai sempre além dos objetivos propriamente religiosos que se encontram em seu propósito inicial, ao suscitar a transação entre diversas esferas (eclesiástica, pastoral e espiritual), o engajamento missionário geralmente se apresenta como um empreendimento multidimensional, a despeito, inclusive, de que sua orientação possa ser considerada “tradicionalista” ou “progressista”.

Além disso, convém considerar que a oferta missionária não constituiu um bloco monolítico (NERIS, 2014). Ela foi composta por indivíduos, personalidades, instituições e associações muito diferentes, com concepções heterogêneas e variáveis, inclusive ao longo tempo, sobre o próprio significado da missão e de suas atividades (caritativas, médicos, educativas, de auxílio ao desenvolvimento etc.). É desse ângulo, inclusive, que retira toda a sua legitimidade a exploração das formas concretas de engajamento missionário da Congregação feminina de Notre Dame de Namur, cuja atuação no Maranhão foi iniciada na década de 1960, quando províncias norte-americanas começaram a mandar missionárias para o Brasil (ADRIANCE, 1986; 1996; LE BRETON, 2008).

O primeiro passo para caracterizar as modalidades de exercício da vida religiosa feminina passa pela compreensão de que, embora proferindo votos perpétuos, as freiras não

estão autorizadas a ministrar sacramentos, a exemplo dos padres. Além de serem excluídas dos círculos de definição mais significativo da igreja, seus espaços de atuação “autorizados” quase sempre se restringem ao campo pastoral, em comunidades de base, escolas, hospitais e asilos (CUBAS, 2015). Nesse sentido, embora ocupem posições distintas das mulheres leigas, seus campos de atuação no universo associativo católico assumem a mesma tônica (ANJOS, 2008). Em síntese, a história da participação das mulheres no campo eclesial pode ser resumida pelo silenciamento e privação de direitos a que foram submetidas.

Ocorre que, a presente pesquisa ressalta justamente uma modalidade de atuação religiosa feminina mais pública, ligada a resistência e engajamento em causas sociais, marca da atuação da congregação de Notre Dame e, notadamente, de Dorothy Stang. Isto é, a despeito das características associadas a essa posição, e até mesmo do peso de outros marcadores sociais como gênero, etnia e classe, mulheres à frente de seu tempo que demarcaram uma forte atuação no campo social, rompendo em certa medida com o escopo de ações que lhes eram autorizadas. Essas especificidades ficarão mais claras no tópico a seguir.

## **1.2 Perspectivas de investigação sobre a vida religiosa no Brasil**

Com efeito, vale à pena tecer algumas considerações a respeito das pesquisas disponíveis no Brasil e que de alguma maneira se encontram na intersecção entre as áreas da religião e do gênero, notadamente aquelas que tocam na questão da participação de religiosa ou da participação feminina em ações pastorais. A despeito da variedade de condições institucionais, o fato é que esse balanço também se mostra necessário para dar a conhecer ao leitor as pesquisas que estiveram no ponto de partida das reflexões realizadas nesta monografia.

Nessa perspectiva, os balanços recentes realizados por Caroline Jaques Cubas (2014; 2015) oferecem elementos importantes para serem destacados aqui. Ao tentar identificar os principais trabalhos concernentes à vida religiosa feminina a autora consegue captar alguns aspectos que pesam a qualquer análise inscrita nesse campo. Principalmente o fato de que há fortes variações a depender do recorte histórico, haja vista que, enquanto os trabalhos referentes à Idade Média e ao Renascimento são relativamente numerosos, quando se trata do século XX estes se tornam bastante rarefeitos. Quer dizer, com raras exceções, são poucos os trabalhos que possibilitam uma apreensão das formas de atuação dessas religiosas “enquanto sujeitos dotados de agência, com possibilidades de reflexão e ação para além das normas interpretadas que pertençam a uma congregação religiosa” (Cubas, 2014, p. 149)

De maneira geral a autora destaca a ocorrência de três eixos centrais entre os trabalhos que tomam a vida religiosa feminina como objeto de estudos no campo historiográfico, quais sejam: 1. Irmandades e Congregações; 2. Educação; 3. Envolvimento social. Antes de adentrarmos em uma apresentação sumária desses eixos de análise, é válido destacar que este trabalho se inscreve principalmente neste último eixo.

O primeiro dos eixos tem como foco principal do estudo das instituições, com atenção aos aspectos cotidianos e às especificidades da vida religiosa feminina, inclusive daquelas congregações que adotam o enclausuramento<sup>1</sup>. A questão central aqui não é propriamente as freiras, muito embora as trajetórias e narrativas destas adquiram importância, mas a história coletiva e institucional de congregações, permitindo aprofundar a compreensão dos diferentes carismas e da heterogeneidade dessas experiências. Metodologicamente, a maior parte dessas

---

<sup>1</sup> Sinteticamente, até pelo menos o século XII não havia uma imposição da vida religiosa feminina em absoluta reclusão, e durante séculos as freiras puderam gozar de liberdade econômica e administrativa (CUBAS, 2015). Esse modelo só se tornou desejável e/ou obrigatório a partir do século XII com a publicação do decreto papal *Periculoso* (1298), promulgada pelo Papa Bonifácio VIII. Como esclarece Cubas (2015, p. 61): “Entre os argumentos que sustentaram a discussão e que reforçaram as definições de *Periculoso* encontra-se a ideia de que as mulheres são suscetíveis a tentações que não conseguem evitar, portanto, era necessário enclausurá-las para protegê-las e, conseqüentemente, proteger os homens. É importante pontuar que os discursos sobre a necessidade do enclausuramento das freiras acompanham os discursos sobre a sexualidade, proferidos na época”.

pesquisas baseia-se em fontes produzidas pela própria instituição e a consulta aos seus arquivos. Em alguns casos, como na pesquisa representativa de Martina Maria Eudisia González Garcia (2006), a abordagem da vida das religiosas inseridas em comunidades nos meios populares permite captar algumas mutações institucionais importantes, notadamente a passagem de um estilo de vida mais arcaico e institucionalizado, para outro, mais dinâmico, moderno e canalizado pelas experiências concretas. Outro estudo digno de nota é a pesquisa realizada por Maria Aparecida Custódio (2011) em que a autora estuda a história das Filhas da Imaculada Conceição através do estudo do cotidiano e mantendo o cuidado de não estudar a história das freiras como mero pano de fundo das instituições ou práticas educacionais. Mais raros são os trabalhos nesse eixo que têm como foco o contexto pré e pós-Concílio Vaticano II, exceção feita ao trabalho de Maria de Lourdes Gascho (1998).

Entre essas pesquisas, importa ressaltar a perspectiva do trabalho de Miriam Grossi (1990), que estudou de um ponto de vista antropológico a vocação religiosa feminina em conventos do Sul do país. Entrevistando freiras de diferentes gerações, a autora procurou explicar de uma perspectiva sociológica e de gênero, os elementos que levaram essas mulheres a abraçarem a carreira religiosa. Para a autora, três ângulos poderiam ser tomados para explicar essa escolha: primeiramente, o das famílias camponesas, de onde viria a maior parte do contingente de freiras; das próprias freiras, que encontram no convento uma forma de realização pessoal e o da própria Igreja, com suas necessidades de reprodução social. Porém, o que se destaca desse trabalho é como a autora apresenta as etapas da vida religiosa, cuja descrição mostra-se valiosa para entender parte dessa carreira. Como se sabe, ainda que muito tenha evoluído no cotidiano e nas práticas da vida religiosa desde quando foram criadas as primeiras ordens religiosas femininas no século XII, os princípios fundamentais que regem instituições religiosas permanecem os mesmos ao longo dos séculos.

Como descreve Gossi (1990), o aprendizado de ser freira se desenrola basicamente em três períodos, os quais correspondem a etapas do ciclo geracional: adolescência, vida adulta e velhice. O primeiro período comporta a formação das futuras freiras e desdobra-se em três etapas demarcadas: aspirantado, postulante e noviciado. Estas são etapas iniciais que antecedem a entrada propriamente dita na congregação, com a “vestição”, como será apresentado mais adiante. Seja como for, a duração medida do aspirantado é de dois anos, a do postulante de nove meses e a do noviciado de dois anos. Durante esse primeiro período, as candidatas começam a familiarizar-se com a vida religiosa afim de avaliar se estão efetivamente interessadas pela carreira. Nesse processo, há uma preparação mental e espiritual que incide sobre a incorporação de hábitos, disciplinas e até mesmo de uma héxis corporal específica, um “jeito de ser freira” – não seria demasiado lembrar que talvez uma das primeiras transformações físicas das aspirantes seja a de engordarem visivelmente, com o que convertem um “corpo desejanete” em “espírito desejanete” (GROSSI, 1990).

O primeiro momento, que vai do aspirantado ao noviciado, caracteriza-se pela interiorização dos códigos da vida conventual e culmina com o ritual da vestição. Símbolo da ruptura com a vida anterior e com o mundo externo, até o Concílio Vaticano II, vale enfatizar, aquelas que ingressavam na carreira religiosa só poderiam voltar à casa dos pais depois de ter completado 25 anos de adesão à vida religiosa. Na atualidade, esse retorno pode ser abreviado, mas a tônica de ruptura continua a mesma. Já o noviciado, última etapa desse primeiro período, dura em torno de dois anos. Trata-se de um momento em que as meninas se dedicam aos estudos regulares e começam a trabalhar nas comunidades mantidas pelas congregações. Nessa etapa, conforme Grossi (1990) há uma preocupação meticulosa não apenas em separar as atividades sagradas das profanas, notadamente, saúde e educação, como também de demarcação simbólica do campo de atuação e reconhecimento social das freiras. Além disso, dado que esse período funciona como uma espécie de período probatório, as

freiras só podem sair do convento por abandono, expulsão ou em virtude do falecimento do pai e da mãe.

O segundo período inicia-se com a “vestição do hábito”, passa pelo juniorato, que corresponde a uma fase de aprofundamento da vida religiosa e preparação para a realização dos votos perpétuos, quando todas as freiras adquirem igualdade formal entre si. Seja como for, ao longo desse período, estabelece-se uma hierarquia bastante precisa entre as diferentes tarefas que, em certa medida, reproduz o modelo hierárquico das famílias camponesas. Há uma pluralidade de cargos e funções como chefias de comunidades, de escolas e de hospitais. O mais alto dos cargos é o de Madre, sendo esta escolhida pelo Capítulo (reunião de um colegiado de freiras que vota, secretamente em uma delas para ocupar o cargo de Madre). A pré-condição para ser eleita é ter pelo menos 5 anos de votos perpétuos. Ocorre que cada congregação está sob a jurisdição de um prelado, a que se submete a Madre Superiora e que assume a responsabilidade pela congregação perante a Igreja. O terceiro e último período corresponde à aposentadoria e se caracteriza pelo afastamento das freiras das obras da congregação.

Evidentemente, muito embora a estrutura e os papéis tenham sofrido pequenas alterações, seria equivocado encarar que basta conhecer o modo de funcionamento da carreira e as regras para disso deduzir as ações e iniciativas dessas mulheres. Muito além das características gerais, as experiências e práticas desses sujeitos acabam por ir muito além das determinações e cunho oficial, recompondo o próprio sentido do carisma e da instituição.

O segundo eixo central identificado por Caroline Cubas (2014), diz respeito às produções na área da educação que abordam colégios ou educandários católicos, abordando de maneira superficial as freiras ou congregações responsáveis. Em parte, essa concentração se devia a própria atuação da maior parte dos institutos femininos estrangeiros radicados no Brasil cuja atuação foi predominante nas áreas do cuidado (asilos, doentes) e, principalmente,

na educação. Os dados a respeito da instalação de congregações femininas no Brasil coletados por Paula Leonardi (2008) dão conta de que, entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX, 16 congregações foram instaladas no Brasil, 14 das quais de origem francesa. Em resumo, embora o escopo de atuação dessas congregações não se resumisse à educação, esta constituiu o principal eixo de suas atuações (CUBAS, 2015).

Com efeito, como visto nas pesquisas de Wheriston Silva Neris (2014; 2015), esse incremento de institutos femininos se inscreve no processo mais geral de criação de novas congregações em nível internacional, a instauração das precedentes e a chegada de expressivos contingentes ao Brasil dentro desse mesmo recorte. Se essa expansão foi notável no caso das ordens religiosas masculinas, foi ainda mais expressivo com as femininas (NERIS; SEIDL, 2015; SERBIN, 2008). Com defasagens temporais em relação a outras circunscrições religiosas, no Maranhão esse crescimento se intensificou principalmente a partir de meados do século XX, quando 6 novas congregações femininas se instalaram na região – incluída a de Notre Dame Namur.

**Quadro I:** Ordens e congregações femininas no Maranhão

<b>Qtd</b>	<b>Ordem</b>	<b>País de Origem</b>	<b>Entrada</b>
1	Filhas de Santana	Itália	1886
2	Irmãs Doroteias	Itália	1894
3	Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena	Itália	1907
4	Irmãs Missionárias Capuchinhas	Itália	1910
5	As filhas da Caridade de São Vicente de Paulo	França	1938
6	Missionárias de Jesus Crucificado	Brasil	1953
7	Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição	Áustria	1961
8	Filhas de Santa Teresa de Jesus	Brasil	1962
9	Irmãs de Notre Dame de Namur	Bélgica	1963
10	Irmãs Josefinas	Brasil	1963
11	Irmãs da Congregação de São José de São Jacinto	Canadá	1963

**Fonte:** NERIS; SEIDL, 2015 a.

O terceiro eixo apontado por Cubas (2015), e que tem conexão importante com o presente trabalho, diz respeito ao engajamento concreto de freiras em questões ou casas

sociais, um pouco além das áreas de atuação tradicional. Neste último eixo, o que entra em pauta também é um processo mais amplo de transformação das modalidades de exercício da vida religiosa conectado à inserção nas redes associativas católicas em meios populares. Em certa medida esses estudos acompanham a emergência de novos “jeitos de ser freira” que se contrapõem à vida religiosa contemplativa ou no modelo da clausura. Sobretudo a partir de meados do século XX, a vida religiosa feminina foi incrementada com novos objetivos: além de fortalecer a autoridade e a influência eclesiástica, as freiras deveriam combater o catolicismo popular a partir de uma decisiva inserção nas associações religiosas católicas, muito embora ainda permanecessem nestas com um estatuto subordinado. Logo após, com o Concílio Vaticano II, essas transformações se aprofundaram e redirecionaram-se os propósitos da vida consagrada masculina e feminina, associando-os ao projeto de inserção no mundo. Foi assim que diversas congregações religiosas femininas tiveram de promover uma reforma dos seus estatutos e símbolos. Paralelamente houve uma flexibilização com relação aos antigos hábitos permitindo-se às freiras o uso de roupas comuns, a habitação em pequenas residências e a forma de utilização do tempo. Ao assumirem progressivamente o papel de protagonistas de sua própria história, abriu-se espaço para uma modificação do sentido atribuído à opção pela carreira religiosa e sobre seu significado. Como assevera Maria José Rosado Nunes (1997; p. 506):

De fato, uma parte delas não coloca mais a instituição, sua congregação e, no limite, a igreja, como referência primordial ou como espaço privilegiado para a realização de seu projeto de vida. São as práticas junto aos pobres, a ‘comunhão de vida’ com eles e a participação em ‘suas lutas’, os elementos legitimadores de seu envolvimento como religiosas.

### **1.3 Mulheres e participação política: notas de pesquisas recentes**



Neste ponto da pesquisa destacaremos algumas pesquisas e pesquisadoras que se debruçaram sobre as categorias de “religião e gênero”, e que foram importantes para a construção da pesquisa. Um primeiro momento discutirá as perspectivas abordadas no trabalho de Gabriele dos Anjos (2008), que concentra o olhar sob as pastorais católicas e as Comunidades Eclesiais de Base que são formas de associações comunitárias fomentadas pela Igreja Católica. O que entra em análise aqui são as condições concretas que levam mulheres a se engajarem, seja naqueles espaços de atuação já reconhecida, vinculadas ao cuidado, ao altruísmo e à moral, seja naqueles domínios menos tradicionais, como associações em comunidades em causas sociais diversas. Ela enfatiza que os estudos que abordam a expressiva participação feminina nas associações católicas não questionam as condições que emergem a militância das mulheres em grupos populares, somente apontam a possibilidade de uma ação política favorável às mesmas através do engajamento como uma superação aos limites da dominação masculina (ANJOS, 2008).

No entanto, as condições possibilitam a continuidade do engajamento altruísta, o sentido e significado da prática dessa atividade social, continuam imersos num mar incompreensível. O objeto de análise pressupõe as motivações e interesses presentes no engajamento missionário que constitui e, se concentra nas formas associativas comunitárias. Segundo Gabriele o engajamento nas comunidades pelas pastorais assume um papel essencial para as mulheres. Que passam a adquirir recursos que possibilitam o investimento na carreira militante e, aos poucos elas se descobrem capazes de liderar, tomando para si outras atribuições no trabalho da Igreja. Assim, conforme a autora, os significados da ação militante possuem muitas diretrizes e possibilidades de compreensões oferecidas ao significado, mas especialmente a ação presente nas CEBs, que se conceitua como as políticas das lutas por direitos de uma totalidade de sujeitos reivindicando melhores condições de vida (ANJOS, 2008).

Essa ação política permite conciliar a defesa de princípios cristãos com a exigência junto a órgãos públicos de atendimento às necessidades concretas da população. Com suas carências em recursos, econômicos, culturais e sociais, sendo a própria experiência de vida as origens sociais dos agentes religiosos. A adesão militante também se atribui a participação feminina no espaço público ao papel concedido a mesma nas lutas dos pobres e, a ideologia da força da mulher de acordo com as gestões de carreiras militantes, suas motivações e interesses presentes na militância das mulheres de classes populares em espaços associativos ligados à Igreja. Caroline Cubas analisa a presença e a participação de religiosas em movimentos de cunho social, que poderiam ser classificados como resistência ao engajamento missionário em causas político-sociais e lutas pelos direitos humanos, seus estudos se debruçam voltados para investigação da vida religiosa feminina histórica no engajamento. Busca analisar as ações e embates das freiras que contrariavam os ditames de um regime ditatorial vigente na época e o altruísmo inspirado pelas freiras em virtude daquilo que acreditavam ser correto, justo e verdadeiro. A atuação junto a sociedade, principalmente a inserção delas junto ao povo em pequenas comunidades (ANJOS,2008; CUBAS,2015).

Maria das Dores Machado e Maria Cecília L. Mariz (1997), por outro lado, estudaram as formas de atuação e participação feminina no pentecostalismo e no Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC) e nas CEBs. Conforme destacam as autoras, houve aumento das camadas populares no Brasil à procura do pentecostalismo que detém uma maior concentração de templos pentecostais em bairros periféricos, espaço de localização e crescimento dessas igrejas. Essa expansão é, especialmente forte entre as camadas de baixa renda e, que teve efeito notável sobre as mulheres. De fato, de uma maneira geral, constata-se forte incidência feminina nesses grupos religiosos pentecostais, carismáticos e Comunidades Eclesiais de Base, muito embora a posição que assumem ainda seja de marcada subordinação.

Conforme as autoras não se podem entender a dinâmica desses movimentos religiosos, o significado e as consequências sem que antes se compreenda o papel e o significado que esses seguimentos religiosos desempenham para as mulheres. Nessa investigação Mariz e Machado buscam elucidar a motivação das mulheres em participar desses grupos religiosos e, as consequências dessa participação, os valores em família e, os tipos de relação de gênero que tendem a desenvolver examinaram em que medida as experiências em cada um desses grupos religiosos reforçam e questionam os elementos da subjetividade feminina (MARIZ; MACHADO, 1997).

Talvez um dos aspectos mais intrigantes desse estudo é que, embora ainda subordinada, as participações das mulheres nesses grupos contribuem para uma insuspeitada autonomização das mesmas, na medida em que trabalham novas competências e habilidades sociais, e suscitam o incremento de autoestima e capacidade de autodeterminação das mesmas. Isto ocorre pelas próprias especificidades do exercício de reflexão através de experiências concretas e da possibilidade de transformação da realidade das camadas menos favorecidas. Observa-se que a grande adesão ao pentecostalismo e ao (MRCC) está intrinsecamente alocado a sua forma de abordar os problemas da vida privada, é eminente a diferença entre esses dois campos religiosos e distinguem-se da proposta feminista de tentar mudar as relações de poder de gênero sem antes mudar o homem; elas reivindicam seus direitos, passam a confrontar-se com seus próprios problemas: conflitos que ameaçam a paz na família e, a manutenção da mesma (MARIZ; MACHADO, 1997).

Já as CEBs, por outro lado, não se referem especificamente as questões do feminino, muito embora dentro desses grupos religiosos possam se aproximar de um discurso feminista e/ou de defesa na luta pelos direitos. A experiência nas CEBs possibilita às mesmas adotarem perspectivas similares as do feminismo em prol da luta por direitos das mulheres. De maneira semelhante, no pentecostalismo e grupos carismáticos da Igreja Católica a primazia gira em

torno do privado, não tendo propriamente uma dimensão pública, a mulher passa ter domínio público através da Teologia da Prosperidade. Apesar de distintos, o que importa destacar desse trabalho é o fato de que esses movimentos e organismos ligados às referidas denominações religiosas permitem a individuação e autonomização das mulheres em graus diversos: enquanto que as CEBs estimulam as mulheres a participarem das lutas sociais e mobilizações por melhores condições de vida imprimindo as noções de direito pelas ações afirmativas promovidas. Já o pentecostalismo e o (MRCC) Movimento de Renovação Carismática Católica apenas obtém espaços alternativos criando redes sociais e auxiliando as mulheres a recuperar a autoestima (MARIZ; MACHADO, 1997).

As considerações em relação as pesquisas pressupõem características similares, mais cada uma delas parte de um ponto particular em questão possuindo direcionamentos distintos, mas com o mesmo propósito que é evidenciar a atuação feminina religiosa. Partindo desse ponto em comum que é o engajamento missionário. As autoras de fato constroem as compilações que envolvem as experiências da vida feminina, os sentidos e significados da atuação o que elas objetivam dentro desses espaços, suas fraquezas e limitações, as características que envolvem o processo das experiências de vida das mulheres que vivem a religiosidade no Brasil e através dela buscam ações mais progressistas. As pesquisas em que destacamos ressaltam todos esses caracteres que enfocam as trajetórias das lutas implementadas pelas mulheres religiosas no Brasil.

## **2. POR UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA DA VIDA RELIGIOSA FEMININA NO BRASIL**

Este capítulo é dedicado ao exame da história do engajamento missionário no Brasil, com atenção ao papel e às modalidades de atuação das freiras. Para tanto, faremos uma retrospectiva com base nos estudos daquelas que tem explorado o universo católico (CUBAS, 2014; NUNES, 2004). Nesse sentido, fez-se um recorte temporal entre os anos (1960 – 1990), sobre as incidências do engajamento missionário expressando as principais características da vida religiosa ao longo do tempo no Brasil. Embora se trate de uma congregação estrangeira, a recuperação dessa história é essencial para caracterizar as transformações do universo religioso em solo brasileiro, bem como oferece fundamentos para a compreensão da própria transformação da vida religiosa em sentido mais amplo, dado que esse componente institucional é parte de uma instituição mais ampla com forte apego à permanência dos seus códigos e controle dos comportamentos, condutas e hábitos de seus representantes.

### **2.1 Aspectos históricos da vida religiosa feminina no Brasil**

Conforme propomos procuramos reunir os acontecimentos que nortearam a transfiguração da vida religiosa feminina conventual no Brasil através dos séculos. Atentando para suas primeiras incidências, quanto às modalidades institucionais e operacionais de funcionamento. Como destaca (CUBAS, 2014), até o século XIII muitos estudos revelaram que questões como corpo e prazer sexual e os órgãos femininos, eram concebidos como órgãos masculinos menores, menos perfeitos, ideias que presumiam certo teor de

---

<sup>2</sup> Seita; sociedade ou crença em que se diverge da doutrina geral a mesma é seguida por muitos membros que se agregam voluntariamente e que se mantém à parte do mundo. Teoria de um mestre com inúmeros seguidores objetivando uma mesma causa partidária, bando ou facção. Uma comunidade fechada de cunho radical.

recolhimento e recato atribuídos às mulheres extremamente conservadoras. Esse contexto se reafirma no pós-colonização e início da República no Brasil. Tal fato fortalece a instalação de conventos para noviças com o objetivo de controlar os corpos femininos e seus comportamentos. O objetivo era a proteção, a fim de conservar sua virgindade e garantir a reprodução através de matrimônios (CUBAS, 2014). Nesse sentido, eles tinham como função principal regulamentar o comportamento de algumas noviças cujo eram pertencentes a alta sociedade da época funcionava como um receptor, preservando a integridade moral da família.

Diante disso, os claustros angariavam prestígio social e as clausuras compreendiam consequências diversas, nem todas eram conectas ao desejo de inserção na carreira religiosa (NUNES, 2004) exemplifica a importância dessas casas de recolhimento para o controle de matrimônios, e em certas ocasiões recebiam crianças que eram entregues ao nascer à chamada “roda dos enjeitados” ela tinham como função receber aqueles e aquelas postos à margem da sociedade.

Por conseguinte, no século XVIII, passam a ser espaço de refúgio dando sentido à vida religiosa feminina no confinamento, passando a inspirar e empreender características como possibilidade para atuação feminina religiosa e ampliação de novos horizontes. Motivando uma maior procura por iniciativa peculiar, principalmente por parte das mulheres leigas com desejo de aprendizagem e que não tinham domínio da leitura e nem da escrita. E, sobretudo em meados do século XIX elas obtiveram expansão e estabilidade institucional na prática religiosa feminina. Nunes (2004) ressalta que as mesmas já se encarregavam de inúmeras tarefas na sociedade referentes à educação, saúde e assistência social.

A história da vida religiosa feminina é marcada por submissão e transgressões, passividade e criatividade sendo as primeiras a exercerem profissões. Entretanto, na década de 1960 somente os homens no (CVII) Concílio Vaticano II construía o saber teológico e

orientavam a vida feminina espiritual, cabendo-lhes até hoje as decisões e o assento nas assembleias na sede do Vaticano.

A reforma da Igreja Católica no Brasil e a vida religiosa feminina passa por transformações, que sucedem o período colonial, para a proclamação da República trazendo positividade para a vida conventual, principalmente associada à educação e a criação de associações femininas de piedade, surgindo organizações específicas para mulheres e escolas católicas (NUNES, 2004).

Essas escolas eram de responsabilidade das religiosas estrangeiras, sendo bastante presentes sob o ofício da administração e criação de “escolas para meninas”. As congregações religiosas estrangeiras permitiam mobilidade social favorecendo atuação social às freiras fora do confinamento. As mesmas se instalaram no Brasil no final do império quando saem da Europa, pois a Revolução Francesa gerou mudanças político-sociais e conflitos ideológicos que coíbiam a atuação de religiosos. Dessa forma, um fator que fomentou o investimento da Igreja Católica através dos bispos em instalar congregações no Brasil, se traduz pela possibilidade de expandir o campo da educação e, com o apoio do governo elas poderiam estabelecer seus colégios, sendo crucial para as mulheres terem reconhecimento no espaço religioso, possibilidade de ascenderem as instâncias formais da educação (NUNES,2004).

Assim, as escolas católicas se expandiam mais, com a criação de assistências aos doentes, crianças e velhos, ampliando o campo de atividades das religiosas. Essa mobilização das freiras resultou em questionamentos das mulheres que não pertenciam ao condicionamento religioso, contestarem o seu lugar no mundo diferentemente daquele tradicionalmente atribuído na sociedade. Esse fato repercutiu positivamente para as irmãs ganhando espaço nas instâncias como hospitais e colégios, criando uma área de autonomia e exercício que mesclavam poder; dando visibilidade ao potencial feminino, de estar à frente

nos cargos de chefia, pela capacidade de as mesmas administrarem suas próprias congregações e os recursos financeiros, criando aos poucos independência.

Desse modo, há uma crescente estabilidade institucional para a vida religiosa feminina angariada de suas próprias obras, em colégios, doações particulares, incentivos governamentais, que garantiam às ordens religiosas fortalecimento financeiro, possibilitando desenvolver projetos com iniciativas próprias, que no início do século XX compunham uma totalidade de componentes permitindo expandir as obras assistenciais e educacionais, uma proporção que permitia certa autonomia pelas Igrejas locais (NUNES, 2004).

Porém, na metade do século XX, inusitadamente se instaura uma crise nas ordens religiosas que ocorreram intrinsecamente entre a sociedade brasileira e a Igreja Católica, internamente promovida depois do CVII. Nas décadas 50 e 60, promoveram-se os processos de industrialização e urbanização no Brasil, fundamentais para economia e capital internacional, implicando novas diretrizes e transformações marcantes na área da comunicação e inserção dos meios de comunicação de massa, como a televisão, passando a interligar pessoas, grupos e comportamentos no âmbito da sexualidade, propiciados pelo uso da pílula anticoncepcional.

Nesse período é que se realiza o CVII mensurando transformações da Igreja direcionadas às mudanças estruturais na vida religiosa feminina (NUNES, 2004). Por isso, passam a ser concretas e o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica (CEIC) convocado por João XXIII em 1959, expressou características relacionadas às transformações sociais da época, que deveriam ser introduzidas em todas as instâncias da sociedade e o trabalho de inserção social se abrangia às pessoas que se dedicavam à vida religiosa.

A leitura das concepções se direcionava as mulheres através de documentos expedidos, que auxiliam a compreender como as mulheres e seus papéis na Igreja eram institucionalmente construídos com limitações. O único modelo reconhecido para a atuação



religiosa feminina seria o contemplativo, a vida enclausurada em conventos, e o objetivo principal se debruçava sobre a santidade através das orações e da vida regrada orientada pelos princípios estabelecidos pela Igreja Romana (CUBAS, 2014).

As mudanças tiveram início nas dependências organizacionais e posteriormente externas a despeito de suas atividades, emergindo uma reestruturação, criando novas proposições pastorais da Igreja. A inserção na sociedade e difusão dos ideários cristãos; em um documento expedido pelo CVII sobre a vida religiosa. No mesmo, havia o estabelecimento de normas a serem cumpridas pelas congregações e leis internas que regulamentavam a vida conventual. Sendo propositalmente instituído para interferência direta do Vaticano, é automático o interesse da Igreja Católica na reconstituição dos institutos religiosos. As décadas de 60 e 70 refletem o redirecionamento organizacional interno das congregações e comunidades, uma reconfiguração ao modelo tradicional da vida religiosa feminina. Orientados por uma democratização interna nos conventos femininos, condicionada por alterações no Código do Direito Canônico, proporcionando maior autonomia administrativa para as religiosas (NUNES, 2004).

Vale salientar que as mudanças mais significativas se referem ao administrativo, principalmente entre os anos de 1964 a 1967, pois há um déficit de rejeição pela vida religiosa devido as alterações sofridas no ambiente sacral. Suas práticas sociais não foram mediadas apenas por interesses da Igreja, mas exatamente por transformações que foram cruciais para as condições necessárias para o processo, dando possibilidade e propriedade para as religiosas na condição de irmãs, serem aptas a desenvolver tarefas nas quais não possuíam habilitação específica como professoras, assistentes sociais e enfermeiras.

No entanto, exigia-se um preparo profissional, uma habilitação técnica para exercer as atividades, procedimento exigido mediante os avanços dos serviços da previdência social desenvolvidos pelo Estado, cada vez mais presente nesse campo. O contingente de religiosas

era considerável na assistência social. Suas atuações nesse momento foram um tanto engenhosas respectivamente atravessadas pelo processo de instrumentalização industrial exigia-se mão-de-obra qualificada e a solução seria a profissionalização religiosa, possibilidade de ingressarem em cursos superiores vivenciar outras profissões além da enfermagem (NUNES, 2004).

Em 1971, num relatório apontaram-se positivamente na dimensão profissional religiosa, mesmo com a instabilidade interna das congregações. Por outro lado, a Igreja ampliava o campo de atuação social, elaboraram-se planos de ação pastoral, sendo determinante o papel das religiosas, processo que obteve a recuperação no enfraquecimento institucional pela diminuição das religiosas. Paróquias e dioceses investem no trabalho pastoral e a Igreja convoca as religiosas, as mesmas substituem os vigários em paróquias de pequenas cidades do país. As comunidades ficam mais dependentes das decisões do clero, mantendo o controle da vida religiosa feminina.

Os conventos passaram por um processo de reorientação, incluindo a escolha pelos pobres, promovendo uma reorganização da vida conventual e ação social. O reconhecimento das lutas e conquistas das mulheres foi oficialmente reconhecido pela ONU, Organização das Nações Unidas devido a instituição do Ano Internacional da Mulher o 08 de março de 1975 data registrada anualmente como dia Internacional da Mulher (CUBAS,2014).

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo pontificado do papa Paulo VI, considerado um papa moderno comprometendo-se com as mudanças anunciadas no Concílio Vaticano II com ênfase a institucionalização do ano da Mulher. Proferiu discursos parabenizando a atitude da comissão responsável pela criação do dia da Mulher, expressando a importância da mulher na construção de uma sociedade mais justa e pacífica. O discurso se constituiu de forma contraditória, demonstrava um posicionamento religioso hierárquico por o

mesmo conceber a mulher potências restritamente vinculado a família e a possibilidade de dar e criar vida, da mulher não consagrada.

Em seus posicionamentos oficiais reconheceu as lutas empreendidas em prol dos direitos das mulheres, mas ainda sim se persistia a necessidade de reconhecer a mulher enquanto ser autônomo e autêntico. Ter uma atuação desvinculada do ambiente familiar; se reconhecia o potencial da atuação feminina apenas no campo da constituição da família de cuidar e educar os filhos, um discurso tradicionalmente fortalecido no âmbito católico (CUBAS, 2014).

Na década de 70, a Igreja Católica foi atingida pela instalação da política militar no poder, a mesma passou integrar o quadro civil do movimento de resistência ao militarismo. Segundo o pensamento teológico fundamentado numa análise sociológica da Teologia da Libertação, a expressão pastoral desse discurso se deu nas comunidades Eclesiais de Base (CEBs), fortalecendo-se nas áreas rurais e periféricas das grandes cidades nas camadas pobres da população. Entre as décadas 1970 e 1980 houve multiplicação nos grupos religiosos vivendo e trabalhando em áreas pobres de bairros urbanos e rurais. Elas foram pilares no trabalho pastoral, suas presenças são marcadas no engajamento religioso pelo projeto de vida e prática junto aos pobres.

O grande marco do movimento das religiosas, da atração da Igreja pelas mesmas e das congregações remete ao um objetivo em particular “Libertação dos pobres”, socioeconômica e religiosa. Uma libertação que se traduz pela possibilidade de estabelecer estruturas sociais que garantam justiça e igualdade entre as relações sociais. Intrinsecamente, se assemelha ao projeto de mudar a condição de miséria da população pobre, instaurando uma sociedade mais justa; entre as décadas de 1970 e 1980 esses projetos de contribuição para mudança da sociedade estiveram em voga (NUNES, 2004).

Entretanto, no século XX, o decreto *Apostolicam Actuositatem*, objetivava a intensificação da atividade apostólica do Povo de Deus, direcionada ao apostolado dos leigos, instituindo o fundamento e os campos de atuações em comunidades da Igreja, na família, entre os jovens, no ambiente social, esfera nacional e internacional. A declaração *Gravissimum Educationis* estabelecia princípios fundamentais que devem reger a educação cristã, ainda que a educação e a tarefa de ministrar sejam dos pais, isto é, da família, a declaração impõe a responsabilidade para a Igreja da instrução educacional, e o anúncio do caminho da salvação.

Mesmo a declaração assumindo o direito e o dever dos pais, enfatizava também a importância da escola, das universidades, associações e interescolares católicas no processo formativo do apostolado leigo no sentido de que a prática pedagógica e estudo das ciências, não promovem apenas a renovação interna da Igreja, mas implica a benéfica presença no mundo intelectual moderno. O decreto *Presbyterorum Ordinis*, que trazia considerações sobre o ministério e a vida dos presbíteros, define o papel da Igreja, no governo do Povo de Deus e explicita as exigências da vocação sacerdotal (CUBAS, 2014).

No Brasil, a difusão das reivindicações das freiras pelos seus ideais como atuação mais pública, maior mobilidade social embutidas em um novo “jeito de ser freira” era especialmente através dos órgãos como a CLAR (Confederação Latino-Americana dos Religiosos) a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos no Brasil) e a CRB (Conferência dos Religiosos no Brasil). Em 1969, na IV Assembleia Geral do CLAR em Santiago, Chile, foi aprovada uma série de documentos referentes às necessidades da América Latina em um comunicado do CVII acerca das definições que envolvia a vida religiosa feminina no Brasil entre os anos de 1960/1985.

Nesse contexto, houve uma relação significativa com as questões políticas e sociais. As situações das mulheres eram reivindicadas e problematizadas através de debates acadêmicos e militância política, dessa forma, a instituição da Igreja Católica se encontrava na

iminência de transformar elementos do seu *modus Operandi* de forma a se adequar às demandas da modernidade.

Em termos políticos e sociais a relação estabelecida entre Igreja e Estado durante o contexto da ditadura militar deve ser compreendida por um viés complexo. Documentos expedidos pela CNBB tinham caráter indeciso quanto as lutas em prol dos direitos humanos. Os posicionamentos dos membros do clero não eram em sua totalidade aos integrantes de ordens e congregações. As divergências persistiam em relação ao posicionamento político-social que a Igreja no Brasil deveria outorgar. Assim, a mesma se desmembrava por meio de embates (CUBAS, 2014).

A primeira participação das freiras em passeatas contestatórias teve seu estopim na institucionalização do regime militar no Brasil em 1966. Esse movimento apoiado pelas donas de casa era contra o aumento do custo de vida. Em 25 de Junho, novas manifestações eclodem participando professores, padres, freiras e mães de estudantes que foram ao pátio do MEC para condenar a violência sofrida contra seus filhos, sendo notificada pelo Diário de Notícias e Folha de São Paulo. No dia 26 foi realizada a “Marcha da Família com Deus, pela Liberdade Contra a Opressão”. São fatos históricos que salientam a participação oficial do clero. Os discursos proferidos e reivindicações expostas enfatizam a importância da participação estudantil no ato público, que a Igreja era do povo. Exigia-se justiça, um Brasil dos brasileiros.

Nesse ambiente surgem os indicadores das transformações que seriam introduzidas através da luta por direitos humanos e emancipação da mulher na sociedade brasileira, bem como abolição das práticas desumanizantes. A realização da VIII Assembleia Geral da (CRB) Conferência dos Religiosos no Brasil possibilitou manifestações públicas que demarcaram o posicionamento de religiosos e religiosas aos rumos do país.

A questão agrária também foi bandeira de luta no enfrentamento dos religiosos missionários. Nesse momento, a Igreja do Amazonas, inferindo ser exemplo de instituição regional antecipou as mudanças que a igreja brasileira faria. Entre os objetivos preconizados estava a defesa dos pobres e direitos humanos. O contexto histórico cita diversas passagens de conflitos entre a Igreja e o Estado, o embate de padres e freiras tendo a região do Araguaia como foco de vários conflitos. A SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento do Amazonas) aprovou projetos na região do Araguaia que implicou mudanças na estrutura social, nos padrões de posse de terra reivindicada por grandes fazendeiros que detinham o apoio do Estado, expropriaram grandes áreas territoriais, espoliando pequenos agricultores pelo fato de o governo conceder o direito da exploração da propriedade aos fazendeiros investidores em grandes empreendimentos. (CUBAS, 2014)

Nesse sentido, é de fundamental importância ressaltar o engajamento missionário, posições mais progressistas implementadas pela Igreja que resultou em constantes conflitos entre Igreja e o Estado representado por padres e freiras. Vale lembrar que a ação da Igreja motivada por questões sociais tinha como primeira dificuldade o acesso à terra para camponeses e grupos indígenas regionais. A região do Amazonas destinada na época ao governo Castello Branco para empreender grandes desenvolvimentos sancionados por incentivos fiscais e aquisição de terras por investidores estrangeiros e do Sul do país. A famosa política nacional onde se vende parte das terras da União, sejam elas destinadas a preservação ou demarcações indígenas, mas todas essas características são desconsideradas devido a lógica econômica do capital, concedendo o direito de exploração às empresas.

O envolvimento de religiosas nas questões agrárias, nas missões, na assistência e conscientização não é considerado diretamente ligado ao âmbito da política, mas social. Mas é elementar uma ação político-social partindo de um ideário de justiça social. O direito natural de todo homem que é o acesso à propriedade ao usufruto da mesma. Razões que se

duplicaram com o processo de industrialização e urbanização do país, e conseqüentemente uma maior presença de multinacionais. Período de crescente obras públicas, como construção da Transamazônica, a hidrelétrica de Itaipu e a ponte Rio-Niterói e os grandes investimentos em infraestrutura realizado por empresas estatais (CUBAS,2014).

A agricultura também teve investimentos nas regiões Norte e Centro-oeste uma possibilidade de ocupação do território nacional, proporcionado pela agricultura em grande escala e a integração das rodovias que eram necessárias para o escoamento da produção, gerando a impossibilidade de distribuição de terras pela reforma agrária. A concentração fundiária era responsável pelo o crescimento da condição de miséria do trabalhador rural. Grupos de camponeses e indígenas exemplificam bem esse acontecimento, como o “Genocídio do Nordeste 1979/1983”, editado pela CPT traz em face a conflitualidade excessiva entre os trabalhadores sem-terra juntamente com os religiosos no enfrentamento contra os latifundiários através das lutas pastorais indígenas e da terra exigindo melhores condições. Salientando a precariedade da vida e a reforma fundiária. O exame feito aos fatos históricos do engajamento missionário e a vida religiosa feminina no Brasil compõe o marco das lutas por emancipação da mulher e a atuação religiosa feminina em movimentos políticos sociais que engendram relações sociais de gênero (CUBAS,2014)

Portanto, esse período de lutas travadas denunciam as práticas excludentes da Igreja contra a emancipação feminina. Ao se observar por outro ângulo, a desigualdade de gênero visivelmente é expressa, principalmente quando se menciona a Igreja Católica. O grande contingente em massa participativo são as mulheres e continuam destinadas aos espaços subalternos, aqueles lugares de privilégios continuam sendo destinados aos homens.

Percebe-se que há parâmetros reguladores da religiosidade feminina assumidos pelas demandas do Eclesiástico. Foram muitas conquistas, mas quanto a atuação feminina nos regimentos do clero, as mesmas ainda se dão de forma limitada. No contexto histórico

religioso não há vestígios em que mulheres já ocuparam cargos importantes na sede do governo no Vaticano, juntamente com a autoridade papal, as cadeiras nas assembleias são ocupadas somente por homens. É uma consequência quanto a atuação mais pública avante feminina no campo pastoral trabalhando na assistência social em consonância com a comunicação e difusão da mensagem evangélica. Elemento que configurou na laicidade da Igreja, assim a mesma teve que promover mudanças em seus regimentos internos. Isso implica diretamente o novo papel da Igreja Católica em ir ao encontro da comunidade leiga. Pelas mulheres que se dedicam a carreira religiosa junto aos leigos no trabalho pastoral.

Seria uma investida masculina de manter-se no domínio da construção dos saberes da sociedade e o todo social, aparentemente solidifica esse enquadramento que resulta numa desvalorização do potencial feminino, impedindo que as mesmas alcem voos. As posições vivenciadas no contexto históricos da vida religiosa feminina no Brasil pressupôs por parte do contingente feminino ações afirmativas, tornando-se mais ativas rompendo com a visão naturalista do homem de desqualificar o potencial feminino de atuar nos mesmos regimentos e posições em cargos importantes quanto eles.

É importante deixar claro que os embates sofrem processos antagônicos e incubem as relações sociais de gênero e religião, que se degenera na atribuição de fragilidade a competência feminina. Os processos sofridos através dos embates ideológicos revertidos pela força feminina de contornar os dissabores se conectam a um divisor de águas, nesse processo da vida religiosa feminina no Brasil.

As pesquisas em que se extraíram as informações desse contexto elucidam por dois ângulos, um informativo e outro denunciativo. As questões sobre as lutas das mulheres implementadas e que aparentemente para o senso comum soam como natural, fazem parte das mudanças de uma época para outra. Prevalendo uma amplificação e negação das desigualdades entre homens e mulheres, expressa através das relações sociais de gênero.



### **3. A CONGREGAÇÃO NOSSA SENHORA DE NAMUR E A MISSIONÁRIA DOROTHY STANG**

Nesse ponto o estudo é direcionado especificamente para investigar a estrutura da congregação de Notre Dame de Namur e a atuação da missionária Dorothy através de dados e informes extraídos do próprio site da congregação e da fonte biográfica. Para tanto, recorreremos basicamente à biografia escrita por Salvoldi (2012), o qual oferece informações valiosas para compreender o grau de aprofundamento da irmã na Teologia da Libertação e como esse engajamento a levou a um fervoroso e inarredável compromisso com a causa ambientalista. Antes, porém, cumpre tecer algumas considerações a respeito do processo de fundação da congregação de Notre Dame Namur, a começar por uma breve retrospectiva a respeito da fundadora e do carisma institucional.

#### **3.1. Do carisma da fundadora ao carisma da congregação**

O processo de fundação da congregação Nossa Senhora de Namur tem como representante a freira Maria Júlia Billiard. Nascida em 12 de julho de 1751, na Picardia Francesa, Oriunda de uma família de modestos comerciantes, ela se destaca desde sua infância por sua inteligência, vivacidade e sensibilidade. Com oito anos já improvisa como professora de catecismo e de história sagrada. Logo após, a fundadora passa por um período de muitas dificuldades, momento esse de transição da infância para a adolescência, quando sua vida é marcada pela morte de quatro dos seus seis irmãos e pela constante piora da

situação econômica de sua família, doenças persistentes e gravíssimas a acabam deixando-a parálitica aos 23 três anos (SALVOLDI,2012).

A jovem freira estava inserida num período em que era difícil viver abertamente a fé, mas, ela não se abala, seguindo firmemente e vivendo sua fé que a acompanhará em toda sua existência. Inserida em um período de grandes transformações, sendo testemunha ocular da Revolução Francesa, Maria Júlia Billiard não se intimidou e professou sua fé seguindo com seus objetivos altruístas.

Numa Sexta-Feira Santa, ocorrerá uma experimentação que marcará toda sua existência e sua providência, esse acontecido é uma visão antecipatória de sua ação política, expressada em sua intervenção social. Assim se sucede o ocorrido, momento em que ela contempla em oração aos mistérios da paixão é tomada por um sentimento difuso de alegria, com o rosto radiante, mãos fechadas, seus olhos veem o monte Calvário e ao pé da cruz uma fila numerosa de virgens, são as irmãs com o hábito como nunca tinha visto antes (SALVOLDI,2012).

Júlia não compreende logo o significado dessa visão, na qual ficará impressa em toda sua vida, mas que fará todo um sentido com sua voluntariedade desenvolvida e a construção de seu Instituto. Após esse episódio, conhece Francisca Blin de Bourdon que pertencia a uma das famílias nobres da França, descobrindo em Júlia uma guia espiritual, enquanto enferma Júlia dá vida ao redor de seu leito, suas palavras de formação cristã brotam esperança ao coração de quem as ouve, ficando claro sua aspiração pela vida religiosa.

A sua trajetória é marcada pela dedicação na instrução cristã da juventude, em Amiens em 1803 abre um orfanato. Em 02 de fevereiro de 1804, juntamente com as aspirantes pela vida religiosa Francisca Blin de Bourdon e Catarina Duchatel emitem voto de castidade, acompanhado da instrução e dedicação junto aos pobres. As novas religiosas passam a se

chamar de Irmãs de Nossa Senhora. Agora Júlia de fato obteve reputação de catequista e a multidão, a acompanha e a ouve.

Outro episódio ocorre em 1804 em julho durante uma novena ao Sagrado Coração de Jesus, onde sua saúde é restituída miraculosamente. Após um retiro espiritual em agradecimento e orientação ela decide iniciar a politização de seus ideais que eram a instrução daqueles desfavorecidos socialmente que vivem à margem da sociedade. Com referência ao episódio da Revolução Francesa, enfatiza que a sociedade deve mudar, sendo necessário começar pela base, educando a infância, educá-la significaria lançar fundamentos sólidos sobre os quais outros construirão depois. A cidade escolhida para estabelecer o Instituto é Namur na Bélgica. De uma pequena cidade será elevado seus ideários ao mundo, objetivando a instauração de uma sociedade mais justa. Sendo possível pela possibilidade de mobilidade do quadro ativista de missionárias da congregação no engajamento altruísta (SALVOLDI,2012).

A missão da congregação consiste na educação dos jovens e a formação de professores, as regras da congregação e a espiritualidade são de inspiração inaciana, cuja faz referência a Santo Inácio Loyola fundador da companhia de Jesus, relacionada aos jesuítas uma ordem religiosa de Portugal. A congregação de Nossa Senhora de Namur está situada em muitos países como; Congo, Quênia, Nigéria, África do Sul, Zimbabué, Bélgica, Grã-Bretanha, França, Itália, Escócia, Japão, Estados Unidos, Nicarágua, Peru e Brasil.

O trabalho desenvolvido por elas é fundamentado no evangelho e pressupõe a instrução cristã, sobretudo dos mais pobres. As religiosas ao fazerem a declaração de missão se auto definem como mulheres de imenso coração como o mundo, no qual se desenvolve o trabalho voluntariado voltado para a implementação de políticas humanitárias. As mesmas favorecem a população menos abastada que se encontra na condição de miséria. O modo de vida evangélico pela comunidade, compreende viver teoria e prática sempre ao lado dos mais

pobres principalmente mulheres e crianças nos lugares mais inóspitos comprometendo sua vida em prol da justiça e paz.

Aqui no Brasil a congregação de Namur se estabeleceu em algumas regiões como no Pará (Belém, Anapu, Itaituba região do Xingu) no Ceará (Fortaleza) Estância (Sergipe) Maranhão (Coroatá).

O carisma de Júlia consiste em um dom ou/ dádiva divina de comunicar e difundir a mensagem evangélica fundamento que deu origem ao Instituto. O mesmo é marcado pela devoção e fé ao trabalho missionário, dedicação e instrução aos pobres e desamparados. Desde muito jovem, a inspiradora já aspirava e demonstrava o interesse ao trabalho voluntário no qual se atribui ao carisma da instituição e de suas voluntárias carismáticas. O carisma e o espírito das ativistas religiosas de Nossa Senhora de Namur se multiplica através do testemunho de vida de suas militantes e pelo trabalho social desenvolvido com fidelidade ao carisma, participam da missão de Jesus Cristo que vai ao encontro dos pequenos, dos pobres, dos humildes e dos que vivem à margem da sociedade. O carisma envolve a bondade de Deus e seu amor providente, a congregação apostólica se compromete com a missão dedicando-se a educação em todas suas formas e em especial a catequese e outros ministérios pastorais envolvendo o engajamento missionário.

O trabalho difundido envolve as últimas necessidades, sobretudo quando falamos do trabalho das freiras desenvolvido aqui no Brasil, que envolve a proteção dos direitos humanos, a salvaguarda da criação, compartilhando o amor compassivo de Deus com as pessoas de todo os credos e culturas, em especial aos indígenas, pobres e marginalizados.

Em seus discursos mencionam que é recorrente a violação dos direitos humanos, pois não há fiscalização nos órgãos responsáveis por resguardá-los. Sabemos que existe toda uma teoria discursiva, mas sem prática, e o carisma da congregação como de suas voluntárias

em missão, é exatamente trazer em evidência a necessidade de políticas voltadas para reduzir as injustiças ocasionadas pelas desigualdades.

Estas são socialmente construídas e distribuídas desigualmente, o que corresponde a maioria da população brasileira, que se encontra nos dias atuais classificadas no estado de pobreza extrema, sem moradia. Muitas moram em palafitas sobre rios e córregos de esgotos a céu aberto. É gritante o descaso dos órgãos responsáveis e competentes que constituem a gestão pública no Brasil, que se constitui no âmbito da corrupção, os três poderes legislativo, judiciário e executivo violam os direitos humanos e civis em vista de seus próprios interesses.

Em nosso país existe uma espécie de política exploratória disfarçada de “democracia”. O exercício das religiosas de Namur é desconstruir tais características com base e fundamento no evangelho, em prol de darem mais dignidade a população menos favorecida. Em Amiens, Júlia inicia seu trabalho voluntário abrindo escolas gratuitas para crianças pobres, começando a viajar por França e Bélgica, estendendo sua obra que abrangia muitas cidades desses países. Posteriormente é perseguida pelo bispo que a afasta da congregação fixando-se em Namur, lá o objetivo e o carisma pedagógico da congregação são segundo as palavras da fundadora: “A educação é o caminho da plenitude da vida”. Vendo sua obra concretamente realizada Júlia Billiard falece em 08 de abril de 1816, sendo canonizada em 1969 pelo Papa Paulo VI.

As sementes deixadas por ela são de grande relevância no contexto religioso mundial, pois a congregação reúne mais de mil mulheres que realizam o trabalho pastoral nos cinco continentes, cujo seu carisma consiste na primazia da dádiva da vida, que tem foco na salvaguarda da criação. A pedagogia forma adultos, jovens e crianças tornando-os bons cidadãos atuantes na sociedade, auxilia também as pessoas a encontrarem um sentido para a vida.

O carisma se condensa com a espiritualidade que apreende a relação teórico-prática como a ação docente na unidade teoria e prática, viver a teoria na prática, assim consiste o caráter carismático da congregação. Contrariamente a essa ação política das ativistas religiosas é ação dos nossos representantes que administram o patrimônio público no qual distribui as desigualdades e detém monopólio sobre os recursos.

Em oposição a essas características de total descaso de administração pública é a militância dessas mulheres em buscar alternativas que prezem a dignidade humana na denúncia das injustiças, que são tidas como natural. A tendência é ocultar, prevalecendo ações desumanizantes. A humanidade desde sua existência constrói e desenvolve ações e empreendimentos com a ideia de facilitar a vida na terra, mas nos últimos anos está convergindo para o extermínio de outras culturas que apreende a lógica econômica do capital, ultrapassando a fronteira da existência humana, uma lógica que não respeita o ser humano, preservando a acumulação do capital. É um fator que resume a atual sociedade.

O fundamento da congregação é resistir a toda essa conjuntura fugindo de uma lógica econômica do capital, para uma ecologia ambiental, como a proteção dos direitos humanos. Que é a principal resistência da missionária Dorothy em missão na Amazônia. Que tem como modelo Maria Júlia Billiard em sua luta pela preservação dos direitos humanos, bem como a biodiversidade existente naquele território. Ela juntamente com as outras duas religiosas Anne e Bárbara que atuaram mais no território maranhense onde participaram ativamente da criação da Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos, trabalharam com Dorothy em Coroatá num período até a mesma ser transferida para região amazônica (SALVOLDI,2012).

### **3.2 Dorothy Stang vida religiosa dedicação e espiritualidade**

Dorothy Stang nasceu em Dayton em 07 de junho de 1931, proveniente de uma família extremamente religiosa. Seu pai, Henry Stang, era militar e educou os nove filhos com o mesmo rigor da profissão, sua mãe Edna, equilibra a educação transmitida com doçura e ternura. A rotina da família se equipara com as da religião, com missa diária pela manhã, oração á noite e oração antes das refeições, no seio de sua família eles tinham uma prática que era a oração testemunho de caridade que consistia no ato de abrir a sua casa aos pobres, para eles (caridade é o coração da fé) e dar aos outros é o sinal essencial do próprio ser cristão.

Desde a infância Dorothy fora ensinada a dividir e a praticar o amor ao próximo, principalmente aos menos favorecidos. Durante o período escolar superior, ela se engaja nas atividades escolares fazendo parte de um grupo restrito (jovens estudantes cristãos) com o objetivo de trabalharem juntos em prol do bem comum tendo como lema (ver, julgar e agir). Logo torna-se líder, ela encanta-se pelo desejo de comunicar a mensagem evangélica.

Aos dezoito anos, ela se fascina pela figura Santa de Júlia Billiard, atraída pela militância e escolha junto aos pobres, pela vida e espiritualidade da fundadora da congregação de Nossa Senhora de Namur. Um encontro que marcará sua vida para todo sempre, valia a pena conhecer uma santa, e suas muitas consagradas que seguiram suas práticas e ideias como agentes de transformação fundamentado na igualdade social entre todos os povos e credos. A Congregação Nossa Senhora de Namur desde de sua fundação até hoje realiza de modo extraordinário a aspiração da fundadora.

Dorothy inicia como estudante na escola de Nossa Senhora de Namur, fazendo a espiritualidade e o carisma das religiosas. A vida em oração une um profundo desejo pelas missões, fortalecendo o sonho de a mesma trabalhar na China pelos “infieis”. Nesse período,

Papa Pio XII escreve “A Encíclica”, O Corpo Místico de Cristo, que enfatizava a ideia de que uma pessoa tem o poder de influenciar a humanidade expressando amor ou ódio. Nesse aspecto, Dorothy se convence de sua capacidade militante e, a exemplo de Santa Tereza do Menino Jesus, pode inserir-se no mundo e contribuir para instauração de uma sociedade mais justa. Em 1948, optando pela carreira religiosa, pede para ser aceita como noviça das Irmãs de Namur em Reading, Ohio.

Por outro lado, o pai da jovem não estava contente com a filha torna-se religiosa e que seria preciso abandonar o sonho do matrimônio, mas sua mãe cuida para que nada impeça Dorothy de pertencer a vida religiosa. A mesma conclui seu noviciado em janeiro de 1951 se integrando ao quadro missionário de ativismo das Irmãs de Namur. Pronunciando os votos de pobreza, castidade e obediência. Após entrar no convento, Dorothy tem sua primeira função como professora na St. Victor School, na cidade de Calumet, em Illinois. De início, não é bem recepcionada por conta de sua pouca idade e a seriedade dos problemas a enfrentar, mas consegue superar todos os obstáculos deixando transparecer o talento natural para instrução e capacidade discursiva expressa na sua prática social (SALVOLDI, 2012).

Dorothy permanece até agosto de 1953, quando responde ao um apelo feito de sua superiora-geral a procura de quem estivesse disposta ir em missão para a Amazônia para abrir uma nova escola. Ela responde dando disponibilidade como voluntária para a missão na Amazônia. Até a espera da partida ela ensina na St. Alexander School (Illinois) e na Most Holly Trinity (Phoenix, Arizona). A missionária vive pobremente dedicando-se nas horas livres a trabalhar com os imigrantes.

Esse período é marcado pelo Movimento dos Direitos Civis, que traz luz contra o problema do racismo e de todas as injustiças sofridas pelos afro-americanos; ano em que na Igreja está sendo celebrado o Concílio Vaticano II em (1962-1965), na qual convida o Povo de Deus a trabalhar pela justiça. Em 1963, o Papa João XXIII, lança um apelo a todas as



freiras da América do Norte para dispor do pessoal das diversas congregações a serviço dos pobres da América do Sul, consequências que garantem a realização desse sonho ativista de Dorothy. A missionária não o realiza na China, mas sim no Brasil em 1966 (SALVOLDI, 2012).

Preparando-se para a nova vida, Dorothy se inscreve no Centro de Formação Intercultural estudando com afinco a língua portuguesa tarefa não muito fácil. Cada dia estuda por três horas o português, história do Brasil, política e as várias religiões, usos e costumes do povo. As ideias difundidas pelos docentes não eram agradáveis de ouvir, diziam que o Brasil foi colonizado com a cruz e espada, que os portugueses trouxeram para a América os escravos africanos, batizados à força impondo a todos o catolicismo.

Dois docentes do Centro no momento em que Dorothy frequenta se tornam famosos líderes da Teologia da Libertação: Padre Gustavo Gutiérrez e Padre Jon Sobrinho, ativistas contra a exploração dos pobres por parte dos latifundiários e contra os absurdos ocasionados pela má distribuição de renda na América Latina, pois havia pouquíssimas famílias muito ricas em detrimento dos miseráveis.

Para eles não seria a questão de pessoas “não crentes” referentes a intervenção missionária envolvendo a mobilização de religiosos e, sim todos os não reconhecidos pela ordem social dominante como pessoas: os pobres explorados, os que são sistematicamente e legalmente espoliados do status de seres humanos. Os teólogos da libertação só podem ser compreendidos no contexto cultural, político e social da América Latina pois os mesmos constituem o quadro da militância política missionária. Assim, Dorothy compreende os ensinamentos transmitidos nesse Centro Intercultural sobretudo graças à escolha de instruir os pobres na escola dos povos empobrecidos (SALVOLDI,2012).

### **3.3 Atuação missionária como porta voz da congregação no Brasil**

No contexto brasileiro, Dorothy torna-se porta voz da congregação no Brasil nas regiões Norte e Nordeste. Conhecendo a lei, se esforça para ensinar aos camponeses e aos trabalhadores da floresta que possuem direitos, além dos deveres. Direitos reconhecidos a todos os seres humanos e que há fundamento no Evangelho, e que caracteriza a nobreza absoluta de toda pessoa, que cada um tem um lugar irrepetível no mundo, na sociedade e na Igreja. Sua principal preocupação consiste em dar aos leigos espaços concretos para agir, emergir e exercer sua militância política, de serem agentes de transformação e, por conseguinte exigirem de seus representantes seus direitos na qualidade de cidadãos.

A missionária assume com coerência os compromissos que lhes foram delegados, enfatizando que a evangelização e a vocação missionária não é atributo somente do clero, mas sim um carisma que envolve a intervenção social em virtude dos necessitados. É uma lição que Dorothy compreende ao ver crianças desnutridas com baixo peso pela má nutrição, muitas não fazem três refeições por dia. Motivo que a torna mais convicta de sua capacidade de politizar e, se sensibilizar com as desigualdades vigentes em nosso país. Suas ideias se intercalam com sua opção preferencial pelos pobres que se reforçam numa Conferência dos Bispos na América Latina que se realizou em Medellín, Colômbia em 1968 (SALVOLDI, 2012).

No momento em que a Igreja faz posição contra a violência submetida aos pobres depositada pelos ricos, pelos dominadores, uma violência institucionalizada que perpassam a religião e outros departamentos sociais. É uma violência que reside em concepções distintas que se expressam nas relações sociais entre os atores. Que resultam na distribuição das

desigualdades econômicas-sociais, elementos que fundamentam a necessidade de serem agentes de justiça social no engajamento missionário.

Notoriamente, a população latino-americana mais abastada acusa a Igreja de pregar o comunismo, quem trabalhava voluntariamente para os pobres era considerado subversivo, uma ameaça. Principalmente para os representantes governamentais que tem por responsabilidade desenvolver políticas públicas. São características que correspondem a um eixo das desigualdades estarem visivelmente expressos na condição de miséria direcionada à maioria da população latino-americana, elementos em que se atribui a herança colonial da colonização. O contexto em que se apresenta as injustiças já constitui a democracia no país, mas que ainda persistem resquícios de um governo ditatorial que explora a classe trabalhadora.

Nesse contexto há uma tendência a encobrir o outro, considerando a camada mais pobre um ser subalterno, explorado a prestar serviços, recebendo muito pouco ou quase nada. É conseqüentemente a volta da escravidão não mais de povos africanos e indígenas, mas sim, dos povos pós colonizados da sociedade brasileira, os que são a base trabalhadora. Dorothy estando consciente de tudo isso, procura os bispos que a encorajam na escolha de seu trabalho como ativista na intervenção missionária aqui no Brasil.

Em uma carta redigida pela missionária, relatou-se a importância do auxílio do Bispo Motta em Coroatá para com as mesmas, sentia-se encorajada depois uma pregação que o prelado fez em comentário a história da rainha Jezabel (1Rs 21,1-16), em que a rainha providencia o assassinato de um pobre homem para tomar posse de suas terras com vinhas. Essa história tinha relação e sentido com a prática dos latifundiários ao expropriarem as terras dos trabalhadores, tendo relação ao voluntariado de Dorothy que tomou para si a causa dos trabalhadores. Elemento que a torna mais determinada de seus ideais dimensionando a possibilidade de solucionar a problemática dos pobres, inseridos na concretude dos espaços

localizados principalmente na zona rural onde se instaurava os embates agrários (SALVOLDI, 2012).

Ao chegarem em solo maranhense, na comunidade onde se localizava as instalações da congregação Notre Dame, em Coroatá, as religiosas vivem com base apenas das necessidades da comunidade. Sem proteção alguma, conduzem todas as atividades laborais, desde o ensino ao exercício da mão-de-obra corporal, do comentário bíblico ao acompanhamento às mulheres no parto. A voluntariedade se depositava em função dos pobres. Nessa comunidade as freiras utilizavam um Jipe como ambulância para transportar os enfermos para o hospital, mas por conta do trajeto e dificuldades enfrentadas no caminho por vezes transformava-se em enfermaria ambulante. No qual transportava muitas mulheres prestes a dar à luz e por conta dos muitos buracos da estrada o parto por vezes era realizado a caminho do hospital.

No trabalho voluntário desenvolvido na comunidade pelas freiras e os sacerdotes tinha foco principal instruir a comunidade sobre os direitos humanos e civis (SALVOLDI, 2012). A principal ideia dentre todas foi esclarecer aos trabalhadores rurais que não havia necessidade de pagarem arrendamentos absurdos aos latifundiários. Motivando uma crescente conscientização dos direitos que os mesmos possuem. Perspectiva que se fundamenta no trabalho social realizado pelas religiosas da congregação. De inserir-se no mundo politizando ações que condicionem dignidade e autonomia para a público marginalizado.

Dorothy relata que em 05 de agosto de 1970, homens armados vão ao centro paroquial para amedrontar as mulheres que estão em reunião com as religiosas. Os homens também participavam, queriam saber como fariam para formar um grupo de “união de trabalhadores”. Porém são surpreendidos com tiros, elas conseguem escondê-los em uma garagem. Eles retornaram para suas casas no dia seguinte. Esse fato ocorrido é devido à forte conscientização dos trabalhadores sobre os direitos civis e humanos. O trabalho das religiosas

incomodava aqueles que não partilham dos mesmos ideais altruístas. Dorothy não hesitando em ir acompanhar a realização de um parto naquela mesma noite do ocorrido. A missionária também desenvolvia um outro trabalho na comunidade dedicando seu altruísmo às prostitutas da região (SALVOLDI, 2012).

Em 1971, sua mãe Edna, faz-lhe uma visita. É imensa sua alegria e também pelo presente, um microscópio, um instrumento necessário que facilitaria a identificação de muitas doenças, principalmente àquelas que atacam a todos, como os vermes. Devido ao presente, inicia um curso de enfermagem com sua amiga Backy, tendo auxílio de um médico. Enquanto isso, as outras voluntárias decidem ir para outra região desenvolver outras atividades.

Dorothy e Joan ficam em Coroatá, continuam o trabalho com os menos favorecidos. Em função de sua estadia no município, a população mobiliza-se para que concedam a cidadania honorária às religiosas. Por outro lado, os padres, religiosos e freiras são vítimas de pressões pelos militares pelo trabalho voluntariado desenvolvido. É umas das consequências por cuidarem da população carente no engajamento missionário, por não se renderem ao abismo das injustiças sendo considerados comunistas, fato que se confirma quando o próprio Papa Paulo VI é impugnado por publicar uma encíclica *Populorum Progressio* (SALVOLDI, 2012).

Na encíclica denunciava-se as desigualdades, principalmente essa divisão que emerge entre ricos e pobres resultante das disparidades, questionando a má distribuição dos bens produzidos. É um apelo a forma de governo inserida em muitos países o regime “democrático”; mas disfarçada de ditadura acrescida pela exploração da força de trabalho. Entende-se que a mão-de-obra produz a riqueza do país, mas que a sua distribuição é desigual. Essas características são negadas e se tornam naturalmente estabelecidas nas relações entre os atores sociais; uns devem sempre serem explorados por outros.

Para Dorothy a encíclica, coincide com os ensinamentos do Concílio Vaticano II e também com os documentos de Medellín, estando sempre mais convicta de seu ativismo e sua responsabilidade social, procurando sempre relacionar os ensinamentos bíblicos com sua militância política sem desconsiderar ou descaracterizá-los. Nesse período, a Diocese de Marabá, estado do Pará, comunica estar em condição crítica pela falta de padres e também de pessoas disponíveis para exercer os ministérios indispensáveis para a vida cristã (SALVOLDI, 2012).

Diante desse contexto, a ativista decide inserir-se na região norte, oscilando o voluntariado entre Pará e Amazonas. O primeiro contato com o solo amazonense e paraense deixam-na impressionada com o testemunho de vida do bispo e do clero. Percebendo as condições de pobreza extrema, por sua essencialidade e vontade de confrontar a teoria bíblica com sua prática voluntária. Por esse motivo, aceita a proposta do bispo exigindo trabalhar no interior da floresta Amazônica se comprometendo em exercer o voluntariado por três anos e recebendo apenas uma ajuda financeira de duzentos dólares mensais para ela e sua companheira.

Ao adentrar na floresta elas se encantam por a mesma conter um conjunto de elementos que exprimem vida a todo ser que a habita, quanto aos outros que por lá se inserem, mas que em outro aspecto é contraditório como a exploração da fauna e flora existente naquele bioma, de uma forma que o olhar ambicioso transforma tudo que há na floresta em mercadoria e passando a comercializar, enquanto tudo se apresenta como alma e emite uma suave respiração, a incúria dos latifundiários grileiros de terras transforma tudo em destruição e morte (SALVOLDI, 2012).

---

<sup>3</sup> Configura-se as práticas de exploração dos recursos naturais, as grilagens de terras por parte tanto dos latifundiários e fazendeiros como outra ação que corresponde administração governamental a política nacional, a venda de terras da União para as companhias multinacionais desenvolverem seus empreendimentos em nome do “desenvolvimento”.

Dessa forma, Dorothy torna-se mais determinada a enfrentar os desafios em um ambiente de completa hostilidade. Sua luta pela instituição de políticas públicas emancipatórias, bem como a proteção da biodiversidade amazônica se dariam de forma engenhosa. O objetivo principal resultaria conseqüentemente na condição de vida mais digna para a população e a proteção do patrimônio natural amazônico. Condição que possibilitaria harmonizar homem/ambiente. Sua militância contemplava instaurar para os trabalhadores rurais o Projeto Desenvolvimento Sustentável. No entanto, seus ideais divergiam-se com os planos dos latifundiários e os governantes que partilhavam interesses opostos aos da militante.

Diante disso, é notório dizer que o Brasil foi o único país da América Latina a favor das forças aliadas durante a Segunda Guerra Mundial. Em contrapartida, recebeu ajuda do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, no qual os fundos recebidos são projetados para se investir nas multinacionais (SALVOLDI,2002). Podemos relacionar tais características com a linha de pensamento de Sérgio Buarque de Holanda no “Raízes do Brasil” que o Brasil foi colonizado por aventureiros, aqueles que só exploram, vivem à procura do que lhe trariam fortuna.

O país não foi colonizado por trabalhadores, mas pela corte europeia, sendo palco de exploração e escravidão, tanto dos seres humanos quanto dos recursos, que atravessou séculos e continua existindo em forma de escravidão moderna. Por um outro viés, é tido como natural, o trabalho extraordinário de Dorothy, era exatamente garantir o esclarecimento de como tudo é articulado e construído socialmente, favorecendo uns em detrimento de outros, que existem direitos, e não simplesmente deveres e obrigações. (SALVOLDI,2012)

As freiras vão ao encontro das dificuldades, estas situadas em muitas regiões do Pará. Em relação aos desafios encontrados, que consistia em expulsão de famílias de suas terras cultivadas que deram lugar as companhias de multinacionais se instaurando a expropriação das mesmas. Compreende-se que essas problemáticas expostas e situações

vivenciadas por Dorothy e suas companheiras na defesa dos direitos humanos e proteção do meio ambiente na Amazônia e no Maranhão, a partir de uma lógica econômica do capital, que consiste na exploração desordenada dos recursos naturais e exploração da camada mais pobre dessas regiões.

Seguindo com a trajetória da freira, no contexto paraense o problema a enfrentar recorrente na região é a expropriação de terras de trabalhadores rurais. E em virtude do ocorrido com o auxílio de religiosos a população local mobilizou-se contestando, assim arrecadaram dinheiro para que o Bispo Estevão e dois colaboradores pudessem ir até Brasília, reivindicar ações viáveis para a questão da expropriação das terras, mas como é de praxe no Brasil, a gestão pública nunca dá subsídios para a fortalecimento da distribuição fundiária.

Aquilo que não lhes trará rendimento para a política nacional não se investem ações afirmativas, como políticas públicas emancipatórias. A militância de Dorothy nas regiões norte e nordeste foram condicionadas através da resistência as imposições dos dominantes que são a menor parte da população brasileira, mas tem domínio dos modos de produção e detém o controle das forças produtivas. Um fator que gerou o processo de conflitualidade entre a ativista e os grandes fazendeiros e empreendedores nessas regiões (SALVOLDI,2012).

A atitude das militantes como autonomia, liderança e emponderamento altruístas começam a mobilizar novos voluntários para a comunidade como Padre Mário Hoss e o trabalho concentra-se na conscientização e formação dos membros nas pequenas comunidades que se reconhecem nos ensinamentos religiosos como sujeitos concretos e autônomos. Em 1976, a comunidade se organiza erguendo uma Igreja, nessas várias comunidades Dorothy e Becky tem a propriedade de batizar, celebrar matrimônios, distribuir a comunhão, conduzir serviços penitenciais e, dar unção dos enfermos.

Em 1979, Dorothy regressa ao Estados Unidos ao encontro de sua família para compartilhar os desafios enfrentados no Brasil e também para fazer exames, não se sentia bem



ultimamente pelos ataques sofridos de malária. O Regresso permite que a mesma discuta com as religiosas da congregação a possibilidade de a auxiliarem na defesa dos mais pobres, também que elas assinem um documento contra o desarmamento nuclear e contra a pena de morte (SALVOLDI, 2012).

Voltando em seguida para o Brasil, mudando o foco de atuação para Arraia, e com um pequeno grupo de colaboradores constroem uma casa paroquial. A região torna-se município de Jacundá com uma população de 24 mil habitantes, que se mobilizam e elegem um prefeito cujo é filho de um pobre lavrador. Nesse momento se inicia uma força tarefa para conscientização da comunidade, dando aos pobres um sentido de confiança e autonomia para construir novos horizontes.

Outro fator crescente é a injustiça experimentada no Pará, região recedes em desmatamentos, crimes ambientais e total descaso dos direitos humanos, como os homicídios de trabalhadores rurais, a impunidade dos mandantes e executantes dos crimes é recorrente. A justiça dos homens é falha, uma realidade que se expressa em todos os setores seja no judiciário, legislativo e executivo (SALVOLDI, 2012).

Diante do exposto, compreende-se que os órgãos de apoio a defesa da dignidade da pessoa humana e principalmente para os menos favorecidos economicamente não contemplam políticas emancipatórias. As desigualdades são nítidas, como se fosse um abismo entre a situação de classes no Brasil, favorecendo aos grandes empresários e ao governo que tem a posse de todo o território brasileiro agindo arbitrariamente sobre interesses particulares. As políticas públicas e sociais que devem ser implementadas não saem do papel.

Em 1970, muitos bispos e membros do clero se tornam alvos da fúria dos poderosos na defesa da dignidade humana e denúncia das injustiças sofrendo as consequências. Nesse sentido Dorothy também é criticada por alguns padres e oficiais do governo que não compartilham de suas ideias e que são contra sua investida em justiça social. Eles criticavam

até suas vestes, acusavam-na no tribunal, mas a religiosa não desiste de seus objetivos, estuda a fundo as leis passando a exigir aos funcionários do governo que as cumpram de fato e façam com que todos os cidadãos as respeitem tornando as ações emancipatórias vigentes (SALVOLDI, 2012).

O engajamento missionário de Dorothy na luta pela emancipação da população do Pará, que tinha por objetivo melhorar a qualidade de vida, reivindicando as políticas redistributivas, diminuição do desmatamento e exploração da fauna e flora. Por uma ecologia ambiental, se fundamenta na necessidade que até hoje se reivindica e são dissimuladas nas relações entre os atores que tendem a naturalizar diferenças construídas socialmente em que mesclam jogos de poderes.

No Brasil, o reconhecimento e redistribuição aos menos favorecidos, tendo por base a igualdade social, da classe operária, dos indígenas e a população negra, ou seja, introdução das culturas diversas na identidade dos brasileiros, o Brasil é um país miscigenado. Feito isso, reconhece-se que todos possuem os mesmos direitos e deveres, que independente de características que exprimem diferenças, todos são iguais por ocasião da condição humana.

Por mais que se avançaram as políticas redistributivas e ações afirmativas no que se refere aos direitos humanos, ainda sim está impregnado na consciência humana a conduta exploratória. Existe um comportamento cordial dissimulador nas relações entre os indivíduos, como diz Sérgio B. de Holanda também há relação com Marx, pois a burguesia e o proletariado mostram a luta de classes.

O trabalho das ativistas era exatamente desconstruir tais características tidas pela população como natural. São elementos que estão inseridos na sociedade, que são propriamente adquiridos e distribuídos socialmente, pois quando falamos dos seres humanos logicamente tudo é construído, e, por conseguinte desconstruído, isso implica diretamente essa característica das religiosas pertencente a congregação e seu engajamento em análise. Tinham

carisma para desconstruir as relações de dominação construídas pelos exploradores para uma libertação não apenas na esfera física, mas principalmente na psicológica que consiste na transformação social.

Outro fator a salientar é a lógica econômica da capital relação homem/ambiente que consiste na exploração dos recursos naturais persistindo essa incúria humana de sempre está explorando novas formas de produção com o “suposto desenvolvimento” econômico social, que traz consequências drásticas afetando a todos como esse processo “civilizador” que caba por extinguir muitos povos e culturas distintas.

Desde o início as missionárias exprimem que devemos preservar o meio ambiente. Dorothy tinha uma admiração incontestável pelas árvores sustentava que as mesmas eram as colunas do céu, e que jamais deveriam ser derrubadas. Os problemas atuais presentes no meio ambiente consistem principalmente no desmatamento em grande escala das árvores para a fabricação de instrumentos diversos. A natureza está clamando por socorro, ao passo que essa exploração desordenada da incúria humana afeta diretamente aos seres humanos, associadas as inúmeras catástrofes que vem se expressando em muitos lugares do globo terrestre (SALVOLDI,2012).

O homem é o grande responsável, tem o alto poder destrutivo, ele destrói enquanto constrói. O trabalho das religiosas propunha o desenvolvimento sustentável, consumir apenas o necessário para a subsistência. Devido a essas ideias difundidas para os trabalhadores pôde-se melhorar o comportamento desregrado passando a preservar o ser humano e meio ambiente. Visto a esse trabalho de conscientização Dorothy e os demais religiosos passaram a incomodar os grandes empresários e latifundiários que mantêm investimentos altíssimos sobre os recursos naturais do bioma Amazônico, esses donos de terras começam a fazer ameaças até de morte.

Dorothy decide adentrar cada vez mais na floresta Amazônica onde se intensifica mais os conflitos agrários e injustiças. Em Altamira no rio Xingu, com o Bispo Erwin e pede ao mesmo para trabalhar com os pobres. De início se hospeda com as religiosas do Preciosíssimo Sangue, passando a lecionar nas escolas, as mesmas se encontram distantes do local em que se hospeda, esperando as vezes sete horas até que um caminhão lhe dê carona. Devido a essa necessidade de locomoção pede hospedagem na casa de dona Antônia Barbosa e seu esposo Deus, que tinham 9 filhos. Eles eram moradores próximos das escolas; em que a missionária lecionava ficando por dois anos com eles (SALVOLDI,2012).

Dorothy inicia as visitas nas famílias esclarecendo sobre os direitos e a importância da mobilização dos mesmos nas pequenas comunidades de base. Desde 1976, ela faz parte da CNBB Conferência Nacional dos Bispos no Brasil e da (CPT) Comissão Pastoral da Terra participando regularmente das reuniões. O engajamento motiva uma troca de experiências em todo campo da vida social, compartilhando seus conhecimentos com a população rural e da floresta.

Em 1984, regressa ao encontro de sua mãe Edna que se encontra muito doente, é sabido que é a última vez que verá a filha, que logo volta para o Brasil. Em 1986, recebe a visita de suas companheiras da congregação em Nazaré. Elas jamais haviam esperado que Dorothy se adaptaria vivendo na mais extrema condição de pobreza, se empenhando nos cursos de formação de catecismo, nos encontros com os moradores, na visita as aldeias distantes, levando roupas e comida para os mais necessitados (SALVOLDI, 2012).

As duas religiosas têm dificuldades para acompanhar Dorothy em seu trabalho. Certo dia, convidam-na para almoçar em um restaurante, ela comenta com elas que conhece os fazendeiros que almoçam ao lado, não demora muito os mesmos vão ao encontro dela fazendo ameaças. Para Dorothy, essas ameaças não são surpresas, o engajamento missionário

a faz se sentir completa, confessando a todos os voluntários que trabalha para que o reino da justiça e paz aconteça aqui nesta Terra.

Em novembro de 1987, ela escreve que a situação deles no Brasil só piora e os ricos só multiplicam seus bens e planos para exterminar os pobres reduzindo-os a fome. Os telejornais veiculam que os “Habitantes do Norte do Brasil vivem em condições comparáveis as regiões mais pobres da África: a má nutrição paralisa o corpo e o desenvolvimento do cérebro”.

Logo, compreende-se que é um contraste ao suposto desenvolvimento econômico social que se processa e se investe no Brasil que se dá na exploração e transformação das forças produtivas como no Pará, a exemplo a construção da hidrelétrica Belo Monte que gerou um grande impacto social e ambiental tanto para a população indígena e ribeirinha como para animais e plantas, são grandes impactos gerados em nome do “desenvolvimento econômico social”, mas que por outro lado, a população que está inserida naquela região aos poucos vai sendo extinta e sem também fazer parte desse suposto “desenvolvimento” (SALVOLDI, 2012).

Outro fato a aludir são as grandes áreas da mata que são derrubadas para pastagens, plantação em grande escala e empreendimentos do agronegócio, no entanto, observamos que características expostas como estas antes já eram notadas por Dorothy, quando reivindica as terras que os pequenos agricultores perdem para os grandes latifundiários e fazendeiros grileiros. Por outro lado, o governo vende parte das terras da União para empresários empreenderem instalando suas multinacionais como é o caso da empresa Vale, com o Projeto Grande Carajás, que faz a extração de minério de ferro no Pará, e para transportá-lo construiu-se uma imensa ferrovia que percorre grande parte do Pará, até o porto de Itaqui em São Luís onde o minério é exportado para vários países e principalmente para a China.

Desse modo, percebe-se um projeto que visa apenas o lucro, a lógica econômica do capital, sem levar em consideração os grandes impactos que causou e causa àquela população que ali está inserida e ao meio ambiente. No Maranhão, a construção da ferrovia impactou cinco reservas indígenas, fora os ribeirinhos entre outras populações. Esses empreendimentos que afetam a maioria da população em nome da economia do país, mas que a fome e miséria ainda está em toda parte. São investimentos que reforçam as denúncias das irmãs, que é a ineficácia da gestão governamental que se volta somente para uma gestão privativa daquilo que é patrimônio de todos e se torna propriedade de um a gerar interesses particulares apenas do gestor e não da população.

Em 1983, numa declaração feita pelo Bispo Aloísio Lorscheider enfatizando que não se pode ficar indiferente diante de uma sociedade injusta que prolifera as desigualdades, e calar implica consentir as injustiças e que o sensato a fazer é denunciar e cooperar para minimizá-las através da intervenção social missionária. Feitas as considerações, Dorothy continua seu trabalho de esclarecimento aos pobres, mostrando quais as pessoas confiáveis, quais os bancos, que deveriam dirigir-se para não se endividarem e quais os meios indispensáveis para sair da miséria; que seriam reunir a poupança, colaborar na microfinança e apoiarem-se para resistir a todas formas de violência.

Em Anapu, no Projeto Desenvolvimento Sustentável na comunidade Esperança, fizera dez anos de fundação. O objetivo era a harmonia entre a mata virgem e as necessidades econômicas da população, ou seja, produzir o mínimo de impacto possível ao meio ambiente, produzir apenas para suprir as necessidades básicas no regime de economia da agricultura familiar (SALVOLDI, 2012).

Mas seu trabalho incomoda muitos por conta da terra, para os latifundiários um projeto como esse não tinha abrangência ao não ser para a pequena comunidade, pois a política nacional se concentra no agronegócio voltado para a exportação de cereais, carne e

frutas. Com base nisso, necessita de aberturas de estradas como hidrovias e rodovias que facilitem o escoamento da produção. O território da Amazônia possui grande potencial como também para a agricultura e agropecuária. Tudo isso fomentava e fomenta a ambição pelo bioma amazônico, fora a exploração da fauna e flora, em que se verifica vários crimes que são acometidos na região norte do país, como a caça predatória e pesca, biopirataria, garimpos clandestinos e extração de madeira ilegal (SALVOLDI, 2012).

Essas terras defendidas por Dorothy em seu ativismo abrangem um território imenso denominado de Amazônia legal. No qual cobre parte do Maranhão, mas boa parte do bioma amazônico maranhense já foi devastado pelo desmatamento em prol da agropecuária, da exploração de madeira ilegal, e para o agronegócio, que nos últimos anos no Maranhão em diversas regiões vem se investindo. Várias reservas indígenas deixaram de existir, como em Barra do Corda, Itaipava do Grajaú e Grajaú, como também a população local perde por conta das terras que são expropriadas. A população indígena continua, mas pouco de sua cultura lhes restam em resquícios entre outras dependências.

É notório que suas rotinas antes do desmatamento e antes da construção das rodovias tinham outro sentido, era um outro contexto, mas isso ficou para trás, eles incorporaram outros comportamentos, o nosso do consumismo, da não preservação. Ao passar na BR-226 em que entrecruza essas cidades, observa-se como o território indígena ficou devastado, os reconhecemos como indígenas pelas características fenotípicas, mas não pela existência do território e costumes, aquilo que antes era mata virgem agora é lugar de pastagens, uma vegetação secundária.

Percebemos que os problemas defendidos e enfrentados por Dorothy no engajamento missionário entre tantos outros religiosos não estão distantes de nossa realidade. É bem próxima, transitória, porque tudo gira em torno do capitalismo, que sempre molda novas

formas de exploração dos recursos da natureza gerando impactos tanto para o meio ambiente como para o ser humano.

O trabalho da congregação de Namur desempenhado por Dorothy trazia a ecologia ambiental. A proteção do meio ambiente e qualidade de vida para os seres humanos, tirar da natureza o mínimo possível. A missionária ao ver que a Igreja Católica apresenta uma teologia da criação a torna acessível tanto aos trabalhadores quanto aos latifundiários. No Rio de Janeiro, em 3 de junho de 1992, participa de uma Conferência das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento conhecida no Brasil como o ECO 92, Rio 92, Cúpula ou Cimeira da Terra (SALVOLDI, 2012).

Dez anos depois, ocorre em Joanesburgo a segunda edição da Conferência Rio + 10 ou Conferência Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, o objetivo é discutir e definir as problemáticas ambientais em ação, estabelecer possíveis intervenções a curto, médio e longo prazo, identificar as políticas para um desenvolvimento que não comprometa a sobrevivência das gerações futuras e do próprio planeta por um “desenvolvimento sustentável”.

A Declaração consta seus princípios mais importantes que foram reafirmados no Rio de Janeiro que tinham como foco os objetivos estabelecidos em Estocolmo em 16 de junho de 1972, com o objetivo de criar parcerias globais por meio de estabelecer níveis de cooperação entre os Estados, que são os setores chaves da sociedade e dos indivíduos, trabalhando em prol de acordos internacionais que respeitem os interesses de todos e projetem a integridade do sistema global do meio ambiente e desenvolvimento. Porém, surgem os problemas ambientais e as políticas de conscientização para minimização do consumo não tem abrangência e, em consequência o aumento da poluição ao meio ambiente (SALVOLDI, 2012).



A cada dia só se degrada mais o ambiente com o acúmulo de lixo, poluição dos rios em grandes centros urbanos que causam a morte de muitas espécies de peixes. Por outro lado, há um grande investimento na produção de utensílios e comercialização que são inseridas no mercado, estimulando o crescimento do consumismo e mais degradação ao meio ambiente. A ideia do novo estimula a não preservação dos recursos como se eles não se esgotassem.

Dando continuidade a trajetória de Dorothy, em Anapu a religiosa fomenta a mobilização dos moradores que tornem Anapu município. Por conta da dependência, pois era situado entre dois municípios, mas os mesmos não davam assistência à comunidade de Anapu, se a população precisasse de algo deveria viajar até Belém. Ela começa coletando assinaturas enquanto convence os camponeses das vantagens de poder resolver seus problemas no próprio município e sobretudo envolve a distribuição fundiária, num intervalo de um ano realiza-se a eleição ocorrendo em 1995 e Anapu emancipa-se. Em 27 de dezembro, o governador assina o documento oficial declarando município Anapu (SALVOLDI, 2012).

Em 2002, para eleição municipal Dorothy apoia e faz campanha para um candidato que se comprometeu a escutar as pessoas e não criar alianças com os proprietários de terras, mas após ser eleito não cumpre seu acordo. Passando a denegrir a imagem da missionária, iniciando-se uma investigação contra a ativista pela Polícia Federal. O prefeito eleito se alia aos fazendeiros. Foi uma decepção para ela. A mesma volta a sonhar quando Lula, o candidato progressista é eleito presidente nas eleições de 2002.

Sua esperança consiste na ideia de que Lula sendo um operário que atuou na área da metalúrgica, cresceu na luta e na convicção que o povo unido pode obter as mudanças desejadas e seu auxílio a ajudaria no embate contra os fazendeiros e investidores na região. Outra vez sua esperança é depositada em solo infértil, Lula não toma as providências cabíveis em relação as negligências e subordinação sofrida pela população local. O mesmo opta por fechar os olhos para o apelo da missionária sendo conivente com os grandes proprietários por

conta das ameaças que eles fazem ao presidente como envenenar os rios se prosseguisse com as indicações da ativista.

Com o aumento da ilegalidade Dorothy se torna cada vez mais crítica e frágil em relação as crescentes perseguições e também mediante a atitude de Lula de negar ajuda que o poder corrompe. Não tinha mais a perspicácia dos primeiros anos na Amazônia, referentes as forças psicológicas atenuadas pelas constantes críticas. Ela foi acusada de dividir as pessoas e distribuir armas aos trabalhadores rurais, os latifundiários acusam-na de ser comunista, reforçam que ela deve deixar o país. O prefeito enfatizava que para terem paz deveriam livrar-se de Dorothy, não se dando por vencida, diz que seu lugar é ao lado dos pobres que são constantemente humilhados ficando à mercê dos latifundiários (SALVOLDI,2012).

Em 2004, faz uma peregrinação na França e na Bélgica, lugares que foram a paixão de Irmã Júlia, uma experiência que reforça sua militância. Volta a Ohio renovada no espírito e decidida a manter seu trabalho no Brasil, se esforça para dar visibilidade no exterior à situação de exploração dos recursos naturais, da flora e fauna e a violação dos direitos humanos na região da floresta Amazônica.

Em 09 de Outubro de 2004, é citada perante um tribunal acusada de incitar uma rebelião armada contra os proprietários de terras e também de distribuir armas aos trabalhadores. São acusações sem fundamento e seu comparecimento ao tribunal é referente a prisão arbitrária de quatro trabalhadores injustamente. A freira pede a soltura dos mesmos, emitindo fatos documentais verídicos que provam a inocência dos acusados (SALVOLDI,2012).

Na primeira audiência o juiz não se pronuncia e enquanto se espera pela segunda, cartas chegam ao governador do Estado solicitando a absolvição da missionária e dos trabalhadores. A população fica indignada com o processo contra Dorothy. Seguido desse episódio a organização da OAB concedem-na a “Medalha Chico Mendes” com a seguinte

frase “Em honra dos heróis na sua luta pela vida e pela dignidade”, porém as acusações continuam contra ela (SALVOLDI,2012).

Na vila de Anapu lhe concedem a cidadania honorária do Pará declarando “a mulher do ano” passando a incomodar mais ainda. Em janeiro de 2005, corre a notícia que fazendeiros se reúnem em um hotel em Altamira arquitetando como iriam assassiná-la, em tal situação, dois proprietários estão dispostos a pagar a quem a mate. O valor a ser pago é de 12.500 dólares, os contratantes são Vitalmiro Bastos de Moura vulgo “Bida” e Reginaldo pereira Galvão vulgo “Taradão”, os assassinos contratados são Clodoaldo e Raifran que aceitam a quantia por conta dos muitos homicídios cometidos naquela região ficarem impunes e despercebidos, ademais se vão presos, é por pouco tempo.

Estando consciente de ameaças constante, Dorothy continua seu engajamento altruísta. E com dois trabalhadores viaja para Esperança no Pará, para participarem de uma reunião do Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Convidando os trabalhadores a não abandonarem suas terras por conta das ameaças feitas pelos fazendeiros grileiros. Em sua concepção, abandonar a terra era dar aos ricos a possibilidade de continuarem seus trabalhos sujos semeando o terror entre o povo pobre.

Enquanto isso, os assassinos contratados arquitetam o plano de tirarem a vida da missionária, que seria a noite. A ativista se hospeda na casa de Vicente, quando os executores chegam não veem Dorothy procuram-na na rede; nessa noite ela dorme no chão e, por conta de uma chuva torrencial desistem deixando a execução para a manhã seguinte.

Na manhã seguinte 12 de fevereiro de 2005, se consuma as ameaça dos latifundiários contra Dorothy, data em que aconteceria a reunião do (PDS) Projeto Desenvolvimento Sustentável da comunidade Esperança no Pará. Ao se direcionar à reunião a missionária é surpreendida por Raifran e Clodoaldo. Ao ser abordada pelos seus assassinos, ela os cumprimenta e convida-os para participarem da reunião, chamando a atenção dos mesmos

sobre os direitos da terra, para a não plantação de capim para o gado, pois a ação prejudica o meio ambiente, argumentando sobre a necessidade de proteger a floresta, e aos mesmos diz que entende a posição deles, pois são soldados e devem obedecer às ordens.

Cícero, um amigo que a acompanha é testemunha ocular de todo o diálogo, entre Dorothy e os assassinos, vendo a mesma tirar da bolsa plástica todos os mapas mostrando a quem pertenciam as terras de fato, um deles a indaga se ela possui uma arma, em resposta retira da bolsa a Bíblia e lê as bem-aventuranças para eles, é o momento em que um dos elementos retruca: “mencionando se ela não resolveu o problema dos trabalhadores não resolverá mais”. Ele atira; são tiros letais na cabeça, coração e abdômen. E dessa forma gritante se encerra o ativismo de uma das missionárias dedicadas ao altruísmo no Brasil pela congregação. Porque sua militância política na defesa da dignidade humana e respeito ao meio ambiente gerou uma ameaça para os investidores em grandes empreendimentos no Brasil e em especial na Amazônia.

Cícero ficou sem atitude diante do que se processava diante de seus olhos, mas não tinha como interceder pela vida da missionária ficando apenas a observar a consumação da ilicitude. Logo após o ocorrido vai em busca de socorro, noticiando que haviam assassinado Dorothy, também temia aos assassinos por ser a única testemunha do crime, fato que poria sua vida e a de Nilda em risco, pois moravam com a ativista. O corpo fica exposto ao solo o dia todo, os camponeses na expectativa esperavam ouvir as sirenes da polícia para irem ao encontro do corpo. Assim que Lula é avisado do assassinato da missionária ordena a intervenção da Polícia Federal para que evite outros homicídios, o corpo é finalmente retirado do local e transportado para o hospital de Anapu.

Instaurou-se uma profunda comoção em tristeza pela morte da Freira enquanto outros sentem-se revigorados, o corpo é traslado até Belém para fazer a autópsia. Em virtude noticiam sua morte em todo o globo, representantes de toda categoria de instituições sociais

políticas e religiosas fazem-se presentes fora do hospital em dor e protesto, levando cartazes com a frase “ Dorothy vive” outros vestem roupas com bordados de girassol, flor que a militante amava e símbolo das Irmãs de Nossa Senhora de Namur.

Inicia-se o cortejo fúnebre, o caixão é envolvido com a bandeira do Brasil percorrendo vários trechos da floresta. Ela tinha o desejo de ser enterrada na floresta amazônica, dentre tantas afirmações em sua homenagem houve a de sua amiga mais querida Jo Anne nas palavras dela não sepultariam Dorothy e, sim a plantariam como árvore. Dorothy foi uma verdadeira altruísta, unindo todos os crentes e, os encorajando no compromisso a eles delegados no engajamento missionário na intenção de levar justiça social e paz, tendo em vista a proteção dos direitos fundamentais para a vida. Sustentada por esses ideais e paixão pela humanidade, grande também foram os seus limites (SALVOLDI, 2012).

Assim, Dorothy é apresentada pelas religiosas de Nossa Senhora de Namur, um exemplo para as futuras aspirantes e estímulo para continuar a obra iniciada altruísta, com o mesmo método, e as mesmas propostas oferecidas a todos aqueles que não querem apenas viver, mas sobretudo viver a vida intensamente. A missão de Dorothy por onde ela passou e sobretudo aqui no Brasil, em especial Amazônia e Maranhão foi de trazer esperança aos pequenos, aqueles que não tem voz e nem vez.

Dorothy como exemplo entre tantas outras mulheres altruístas viveram em prol dos pequenos lutando pela justiça social, políticas distributivas, dando evidência aos pobres que é a maioria da população brasileira, as que vivem na zona do esquecimento, a margem da sociedade, uma contradição quanto as políticas sociais desenvolvidas pelos governantes para “erradicar” a pobreza, a fome, o desemprego e trazer qualidade de vida para a população, mas que não saem do papel. O trabalho da congregação é reivindicar políticas sociais e denunciar as injustiças, pressupondo uma utopia e criando condições de sobrevivência da dignidade da

pessoa humana, que faz jus ao carisma da congregação que é dar a vida em prol dos outros fundamentada na primazia da dádiva da vida (SALVOLDI, 2012).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal do presente trabalho foi analisar o engajamento religioso feminino no Brasil em causas sociais, enfocando o processo de instalação e a recomposição missionária da congregação de Notre Dame Namur, cujo ingresso no Brasil ocorreu na década de 1960. Recorrendo a expedientes metodológicos diversos, tais como: análise da bibliografia sobre gênero e religião; exploração de publicações variadas na internet e relatos memorialísticos e biográficos, entre outros, procuramos combinar a história da instituição à história de sujeitos concretos que incorporaram suas formas de atuação pública.

Desse ângulo adquiriu particular relevância a exploração do itinerário da missionária Dorothy Stang, como representativa da confrontação da empresa missionária sobre sociedades distintas. A hipótese explorada, e que presidiu as diferentes etapas de construção da pesquisa, foi que esse investimento missionário produziria efeitos tanto sobre os espaços de inscrição, como também sobre os próprios missionários - exigindo certo ajustamento de suas políticas e métodos ao meio cultural de acolhida – contribuindo para recompor em estado prático a própria empresa missionária como a ressignificação da prática religiosa e envolvimento de religiosos em causas sociais.

Diante do exposto na pesquisa em que se investigou a vida religiosa feminina no Brasil e suas trajetórias vivenciadas através de lutas e embates, que configurou a ruptura com as formas tradicionais em exercício da vida conventual. Atenuadas pela forma de atuação missionária feminina conectadas à problemática que envolvia as tensões e transações entre Igreja Católica e as ordens religiosas. Elas oscilavam entre a afirmação de sua fé religiosa e a necessidade de defender os mais elementares de seus direitos, em busca de sua própria autonomia. Como a capacidade moral de tomar decisões consideradas válidas do ponto de vista ético e religioso.

Particularmente como as questões que afetam suas vidas e seus corpos, reconhecendo que as experiências de suas vidas são apropriadas para reflexão religiosa, em todas as instâncias e, em especial a esfera moral, sexual e reprodutiva. A atuação religiosa feminina em movimentos políticos sociais obteve conquistas e visibilidade que oportunizaram o campo de atuação religiosa feminina no Brasil. Que permitiram mobilidade e expansão para as missionárias na difusão do evangelho e o trabalho voluntário em comunidades. A exemplo, tivemos Dorothy que se dedicou em missão no Brasil como porta voz da Congregação Namur inspirada por sua fundadora Santa Júlia.

As experiências expostas mostram as razões práticas que envolveram a militância religiosa missionária de ação pública e intervenção social pela reivindicação dos direitos humanos e justiça social, reconhecimento e redistribuição. São fatores que enfocam e aglutinam a realidade histórica que transcorre atualmente a má qualidade de vida da população menos abastada e as condições de desigualdades são iminentes da estrutura social organizacional.

O trabalho buscou exatamente compreender a necessidade de agentes de transformação, abrindo caminho para a militância, sendo que o carisma delas consiste em dosar palavra e ato. A fé através da vida religiosa altruísta é instrumento para enfrentar os problemas existentes nos espaços em se instauram as divergências entre os atores. Assim, as trajetórias de vida de cada uma delas estão interligadas por conta das mesmas estarem convictas do seu papel social.

O trabalho missionário pressupõe a transformação social. Buscando possibilidades de construir um mundo mais justo e digno através da ação política, possibilitando autonomia para a população que vive à margem da sociedade. A pesquisa feita enfatiza justamente esse carisma da congregação disseminado pelas missionárias de estarem frente aos desafios impostos na sociedade, de reivindicar políticas sociais, que gira em torno dos direitos



humanos. É entender e relacionar a atitude de proteção da vida com fundamento no evangelho desenvolvido pela militância e ação política.

Se a maioria da população desenvolver atitudes mais humanitárias em suas práticas sociais de forma que buscassem seu próprio desenvolvimento sem esperar que os governantes façam, desenvolvendo políticas públicas distributivas, ao passo que se demonstra total conformismo com a prática da gestão pública, que torna a coisa pública apenas patrimônio de si próprio, é uma situação recorrente das gestões públicas no Brasil. O engajamento missionário traz em evidência características como o descaso, que consiste na denúncia das injustiças em prol de mais dignidade.<sup>i</sup>

Em virtude desses caracteres políticos na presente pesquisa procuramos adicionar “Religião e Gênero” como fonte e possibilidade de resposta para as contradições entre homens e mulheres. Fortalecendo o viés de lutas das mulheres frente as militâncias, reivindicando mais espaços aqueles que são exclusivos aos homens e na atualidade expressaram-se como bandeira de lutas em prol de conquistas.

No entanto, essas políticas reivindicatórias se propagam num mundo de diversas opiniões e concepções revestidas de papéis que socialmente são atribuídas ao feminino, definindo os espaços a ocuparem. As transformações são necessárias, mas dependem de uma mudança na estrutura social em relação a compreensão do ser feminino e mulher. A visão socialmente construída está explícita e tendem a naturalizar aquilo que não é, são apenas construções e incompreensões dos sujeitos da ação.

## REFERÊNCIAS

- ADRIANCE, M. **Terra prometida**: as comunidades eclesiais de base e os conflitos rurais. São Paulo: Paulinas, 1996.
- ANJOS, Gabriele dos. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 31, p. 509-534, Dec. 2008. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332008000200021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200021&lng=en&nrm=iso)>. access on 14 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200021>.BEOZZO, José Oscar. **Padres Conciliares Brasileiros No Vaticano, II**: Participação e Prosopografia 1959-1965. Tese de Doutorado Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2001.
- CANESCHI, Clarissa Milagres. As irmãs da Benepó: história, religiosidade e gênero (1946-2006). 2016. 112f. Dissertação (**Mestrado em História**) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.
- CHAOUCH, Malik Tahar. La théologie de la libération en Amérique latine. **Archives de sciences sociales des religions**, 138 | 2007, 9-28. Disponível em: <http://assr.revues.org/4822>. Acessado em: 18/10/2012
- CUBAS, Caroline Jaques. A vida religiosa feminina no brasil durante a segunda metade do século xx: um olhar historiográfico. **EXPEDIÇÕES: TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA**, v. 5, p. 146-168, 2014.
- \_\_\_\_\_. Freiras em movimentos de resistência às ditaduras militares na América Latina. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 18, p. 139-161, 2015.
- \_\_\_\_\_. Caroline Jaques Cubas. Do hábito ao ato: vida religiosa feminina ativa no Brasil (1960- 1985). 2014. Tese (**Doutorado em História**) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Cristina Scheibe Wolff.
- CUSTÓDIO, Maria Aparecida. *Artes de fazer de uma congregação católica: uma leitura ceusiana da formação e trajetória das Filhas da Imaculada Conceição (1890/1909)*. 2011. 254f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Da constituição de uma congregação feminina nordestina: análise de uma possível consequência sociorreligiosa da Rebelião do Alto Alegre – Maranhão. *Revista Internacional D'Humanitats*, Ano XVI, n. 29, set.dez.2013.
- DELLA CAVA, Ralph. **Igreja e Estado no Brasil do século XX**: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro - 1916/1964. *Novos Estudos - CEBRAP*, n. 12, 1975, p. 5-52.

\_\_\_\_\_. Política a curto prazo e religião a longo prazo: uma visão da Igreja católica no Brasil (em abril de 1978). **Encontros com a civilização brasileira**, n° 01, jul. 1978, p. 242-256.

GASCHO, Maria de Loudes. *Catequistas Franciscanas: uma antecipação do *aggiornamento* em Santa Catarina (1915-1965)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

GROSSI, Mirian Pillar. Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, n. 73, maio de 1990.

LE BRETON, Binka. **Dádiva maior**: a vida e a morte corajosa da Irmã Dorothy Stang. Santo André: Editora Globo, 2008.

LEONARDI, Paula. *Além dos Espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações Francesas no Brasil*. 2008. 269f. Tese (**Programa de PósGraduação em Educação**). USP. São Paulo.

MACHADO, Maria das Dores C. e MARIZ, Cecília L. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 12, n° 34, São Paulo, 1997, pp.71-87.

MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MENDEZ, Carlos Alberto Pérez. **Pontificia Comissão para a América Latina, 50 anos (1958-2008)**. Monografia Histórica, 2008.

NERIS, W. S. 2014. **Igreja e Missão**: religiosos e ação política no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

\_\_\_\_\_; SEIDL, Ernesto. Circulação Internacional, Politização e Redefinições do Papel Religioso. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 15, p. 285-315, 2015a.

\_\_\_\_\_; SEIDL, Ernesto. Redes transnacionais católicas e os Padres *Fidei Donum* no Maranhão (1960-1980). **História Unisinos**, v. 19, p. 138-151, 2015b.

\_\_\_\_\_; SEIDL, Ernesto. Uma Igreja distante de Roma: circulação internacional e gerações de missionários no Maranhão. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 28, p. 129-149, 2015c.

NUNES, Maria José F. Rosado Vida Religiosa nos Meios Populares. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. As religiosas e o compromisso com os pobres no Brasil. MARCÍLIO, Maria Luiza (org.) **A Mulher Pobre na História da Igreja LatinoAmericana**. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. **Feminismo, Gênero e, Religião: Os desafios de um encontro possível** – 2017.

Pedro. Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero** – 2007.

PRIORE. Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 7 Ed. São Paulo: contexto 2004.

Nunes. Maria José Rosado. **O impacto do feminismo: sobre o estudo das religiões** -2001.

PRUDHOMME, Claude. De la mission aux ONG de solidarité internationale: quelle continuité? In: DURIEZ, Bruno; MABILLE, François; ROUSSELET, Kathy. **Les Ong Confessionnelles: Religions et action international**. Paris: L'Harmattan, 2007.

RAISON DU CLEZIOU, Yann. **De la contemplation à la contestation: socio-histoire de la politisation des dominicains de la Province de France (1954-1969)**. IXeme. Congrès de l'association Française de Science Politique. Toulouse, Septembre, 2007.

Salvoldi, Valentino. **Mártir da Criação/Dorothy Stang**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SÉGUY, Jean. Pour une Sociologie de l'ordre religieux. **Archives des sciences sociales des religions**. N. 57/1, 1984. p. 55-68.

SERBIN, Kenneth. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TURCOTTE, Paul-André. À l'intersection de l'Église et de la secte, l'ordre religieux. **Sociologie et sociétés**, vol. 22, n. 2, 1990, p. 65-80.

Viana, Natalia. **Plantados no Chão**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007

[http://www.Trinitydc.edu/media/2015/02/02/sr-Dorothy Stang-honored-performance](http://www.Trinitydc.edu/media/2015/02/02/sr-Dorothy%20Stang-honored-performance) – feb-8/IRMAS DE NOSSA SENHORA...Enviadas a encarnar o amor de Deus bom e providente.

Disponível em: [http:// snd1.org/pt/who-we-are/history](http://snd1.org/pt/who-we-are/history).

Marx, K. **Trabalho assalariado e capital**. In: MARX, K.; ENGELS, F. Obras escogidas de Marx y Engels. Madrid: Fundamentos, 1975. 2 V.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raises do Brazil**. 1936